

ATO. 43

2004

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS
SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E
ARQUEOLOGIA**

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Tema:

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA SOCIALIZAÇÃO
SEXUAL DOS JOVENS NA CIDADE DE
MAPUTO: O CASO DO PROGRAMA GERAÇÃO
BIZ (1999 - 2002)**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

POR: LOURENÇO ANTÓNIO NAUERE

A SUPERVISORA: PROF DOUTORA ANA MARIA LOFORTE

Maputo, Outubro de 2004.



DECLARAÇÃO

Declaro que este estudo nunca foi apresentado, na sua essência para obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na bibliografia as fontes que utilizadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a DEUS pela vida diária e àqueles que, duma forma pessoal deram um contributo valioso para materialização deste trabalho, a saber:

A minha supervisora Professora Doutora Ana Maria Loforte que com muita dedicação, paciência deu o melhor de si para que este trabalho se tornasse realidade;

Agradeço igualmente ao Doutor Elísio Macamo pelos comentários e sugestões com vista ao melhoramento do trabalho; à Doutora Nailda Bonato Martinho, dra. Cecília Bilale, dr. Joaquim Wate, senhor Marcelo, dr. Cristiano Matsinhe à minha irmã Ana Luísa Eduardo Mulhovo Libombo, ao dr. Acácio Moisés Siúta e a todos meus professores muito obrigado.

Agradeço à Igreja de Cristo Internacional, especialmente ao pastor Isaac Matobela pelos encorajamentos e desafios, a minha família (minha mãe Victória Sempre, minha tia Margarida Sempre Premogy e ao meu tio dr. Manuel Jamaca), amigos e irmãos em Espírito do SENHOR e de sangue por todo apoio, carinho, amor e coragem que me deram ao longo destes anos obrigado.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à DEUS, à minha mãe Victória Sempre Mutadiua e ao meu pai e pastor Isaac Matobela.

RESUMO

O presente estudo sob tema o papel da família na socialização sexual do jovens na cidade de Maputo destina-se a analisar o programa Geração Biz e com ele pretende-se saber que papel é atribuído à família na implementação do programa. Realizado sob perspectiva descritivista de Geertz, o estudo tem como objectivos: saber o papel atribuído à família enquanto instituição na implementação do programa, os motivos que levam os jovens a assistir às palestras e frequentar outros serviços prestados pelo programa, se os jovens alvo fazem parte de outras organizações e como os jovens encaram e recebem as palestras e mensagens ministradas pelo programa.

Os dados mostram que quase metade dos inquiridos têm conversado com seus pais sobre sexualidade e metade já tiveram conversa com seus pais quando notaram os primeiros sinais de maturidade sexual. Do outro lado, ao pais e parentes deram aconselhamentos aos seus dependentes sobre a nova fase da vida que entravam, de modo que os jovens estivessem preparados. Assim, a família não está ausente na socialização sexual dos jovens, mas sim fã-lo por processos e com objectivos diferentes dos do programa.

O trabalho está dividido em 6 partes sendo uma introdução, uma revisão da literatura sobre socialização sexual, uma descrição do programa, apresentação de dados, metodologia e considerações preliminares do estudo, que são mais propostas de futuros estudos do que conclusões.

ABREVIATURAS

AMODEFA – Associação Moçambicana para o Desenvolvimento da Família

CIADAJ – Comité Intersectorial para o Apoio e Desenvolvimento do Adolescente Jovem

DNJ – Direcção Nacional da Juventude

DTS – Doenças de Transmissão Sexual

HIV/SIDA – Vírus de Imunodeficiência Humana/Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

MJD – Ministério da Juventude e Desportos

MINED – Ministério da Educação

MISAU – Ministério da Saúde

ONG – Organização Não Governamental

UNFPA – Fundo das Nações Unidas para a População

ÍNDICE	PÁGINA
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA E FUNDAMENTO TEÓRICO	3
2.1. REVISÃO DA LITERATURA	3
2.1.1. FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO SEXUAL NA ANTROPOLOGIA.....	5
2.1.2. FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO NOS ESTUDOS MOÇAMBICANOS	7
2.2. FUNDAMENTO TEÓRICO.....	11
2.2.1. OBJECTIVOS	12
2.2.2. HIPÓTESES.....	13
2.2.3. CONCEPTUALIZAÇÃO	13
2.3. PROBLEMÁTICA.....	28
3. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA	32
3.1. PRESSUPOSTOS DO PROGRAMA	36
3.2. OBJECTIVOS DO PROGRAMA.....	38
3.3. ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO DO PROGRAMA	38
3.4. MENSAGENS VEICULADAS NO CONTEXTO ESCOLAR.....	40
3.5. INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS.....	41
3.5.1. NA IMPLEMENTAÇÃO.....	41
3.5.2. NA COORDENAÇÃO.....	42
4. RESULTADOS PRELIMINARES DO ESTUDO	43
4.1. A SOCIALIZAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS NO MEIO FAMILIAR.....	43
4.2. IMPACTO DO PROGRAMA GERAÇÃO BIZ NOS JOVENS BENEFICIÁRIOS.....	48
4.3. PERCEPÇÃO OFICIAL SOBRE A SOCIALIZAÇÃO SEXUAL DA JUVENTUDE NA CIDADE DE MAPUTO.....	51
5. METODOLOGIA	55
6. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES DO ESTUDO	56
7. BIBLIOGRAFIA	60

1. INTRODUÇÃO

O processo de integração de novos indivíduos numa sociedade procede-se através da socialização. Por este meio, indivíduos de gerações anteriores procuram transmitir às gerações posteriores um conjunto de património cultural socialmente construído e que serve de quadro orientador na interpretação na análise dos fenómenos que ocorrem no meio circundante.

Este processo de transmissão do património entre as gerações não é estático, uma vez que a sociedade não o é. Apesar das mudanças constantes, há algo mais ou menos duradouro e que forma o núcleo rígido, o que vai caracterizar uma dada sociedade e diferenciá-la das outras no tempo e no espaço.

A socialização dos indivíduos das novas gerações, ou seja, o processo que leva à sua integração, obedece a vários domínios, para além de estar a cargo de diferentes agentes, que dependendo das suas especificidades, veiculam diferentes informações, expectativas, de acordo com aquilo que se considera necessário aos sujeitos receptores. Tais informações. Pontos de vista e expectativas vão sendo revelados à medida que os sujeitos atingem fases de crescimento específicas.

A sexualidade é um dos campos de socialização. Apesar de sempre presente no processo de socialização - visto que define os papéis sociais atribuídos aos indivíduos de acordo com o sexo - está coberta de tabus e de mistério, e à sua volta estão e assentam vários conceitos como a moral, o pecado, o proibido, o permitido, a ética e outras ambiguidades.

Para além da distribuição de papéis sociais a sexualidade dota aos sujeitos de um conjunto de informações que os permitem perceber os fenómenos decorrentes do seu desenvolvimento bio-orgânico e consequentemente mudanças de estatutos sociais e de grupos sociais, para além das normas em torno da escolha de parceiros sexuais. Neste campo também está a reprodução tanto biológica como social dos sujeitos.

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

Em Moçambique, a socialização sexual de novas gerações é veiculada por diversos agentes, sendo a família, o Estado (através da escola, da legislação, dos programas de saúde pública e reprodutiva), os grupos de amigos e os meios de comunicação social.

Nas últimas três décadas o campo de acção das organizações não governamentais e humanitárias tende a crescer, por um lado devido alargamento do espaço da sociedade civil e por outro lado devido ao crescimento de problemas sociais que as autoridades governamentais e políticas se mostram incapazes ou ineficientes a resolvê-los, como a astronómica propagação de doenças endémicas como o HIV/SIDA.

É neste contexto que surge o programa “**Geração Biz**”, um programa co-financiado pelo Estado Moçambicano e os parceiros de cooperação internacional, e sendo implementado por uma organização não governamental (ONG) nacional a AMODEFA (Associação Moçambicana para o Desenvolvimento da Família), e destinado a dotar os jovens moçambicanos de informações e de conhecimentos sobre a sexualidade e **saúde sexual e reprodutiva**.

Este trabalho tem como tema o **papel da família na socialização sexual dos jovens na cidade de Maputo: o caso do programa Geração Biz** e destina-se ao cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção de grau de licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Com ele, pretende-se descrever e analisar o programa de socialização sexual da juventude denominado Geração Biz e com ele se pretende saber **que papel é atribuído à família na implementação do programa Geração Biz**.

Tem-se como pressuposto que o não envolvimento activo da família na implementação deste programa poderá influenciar na sua dinâmica, uma vez que o ser social começa a conhecer e construir percepções sobre os fenómenos a partir do meio familiar.

2. REVISÃO DA LITERATURA E FUNDAMENTO TEÓRICO

2.1. REVISÃO DA LITERATURA

Os debates em torno da socialização sexual da juventude no âmbito das ciências sociais começam e centram a sua atenção na educação sexual na Escola, e não na socialização sexual, especialmente no campo da Sociologia, e justifica a situação contemporânea de pobreza bibliográfica no campo da Antropologia.

Os intervenientes no debate estão muito mais ocupados com o tipo de assuntos a serem ministrados nos programas de educação sexual escolar, quem os ministrará e porquê? Neste grupo de pensadores temos Lejeune¹ que sustenta que “em termos socioculturais os alunos (jovens) saem das aulas de educação sexual como entraram: com os mesmos arquétipos socioculturais. Continuam a aderir a ideologia dos pais”.

É de referir também que Werebe² que defende que “as grandes concepções que influenciam na educação sexual tais como: *funções masculinas e femininas, virgindade, casamento, procriação e homossexualidade* atravessam o campo da educação sem parasitagem”.

Como observa Bonato³ “estudos mais específicos sobre a sexualidade, em sua maioria, apontam para uma análise voltada para o quotidiano escolar, discutindo as representações sociais dos actores envolvidos no processo educativo dentro da instituição escolar”.

Alguns nos informam e orientam para como desenvolver um trabalho de educação sexual “adequada” nas escolas e outros mostram que a questão da sexualidade entra na escola directamente, via livro didáctico, num discurso indirecto, de uma forma preconceituosa, moralisadora, conformadora e estereotipada, não só quando se trata de sexo, mas também do corpo, do comportamento, do amor, da paixão, e principalmente dos papéis sexuais.

¹ LEJEUNE, Claude, (1982), *Educação na Escola*, Estampa, Lisboa-Portugal

² WEREBE, Maria José, (1977), *Educação Sexual na Escola: Psicologia e Pedagogia*, Moraes

³ BONATO, Nilda Martinho da Costa, (1996), *Educação [sexual] e Sexualidade: o velado e o aparente*, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, pp16.

Numa análise cuidada sobre a problemática da sexualidade na Escola, constata-se que o que tem sido transmitido são lições sobre a composição anato-biológica do corpo humano a fim de prover os jovens de um conjunto de conhecimentos sobre o uso e cuidados a ter com corpo, numa perspectiva higienista, médica, moral e psicológica.

Os manuais didácticos e os programas de socialização (educação) sexual veiculados e financiados por ONGs têm em comum o fato de transmitirem matérias ligadas à sexualidade tendo como base o paradigma moral-higienista que encara o Homem como sendo constituído por partes e o sexo como sendo uma destas partes, que é muito sensível e que precisa de ser muito respeitada.

Este modo de debate deixa de fora o conjunto de valores culturais e as ambiguidades que acompanham os discursos em torno da educação sexual. Também reduz a socialização sexual a uma mera educação, o que favorece a exclusão de outros agentes de socialização dando o privilégio ao Estado e outros agentes cujos modelos se adequam ao do Estado.

E uma vez que a questão da sexualidade não é apenas uma questão da escola, mas sim de toda sociedade, ela opera dentro da sociedade e não está isenta de influências que surgem da interacção social em cada sociedade. Dado isto, a análise da questão da socialização, não deve ser reduzida à educação sexual na Escola, porque a Escola é uma ínfima parte da sociedade (e não acessível a todos), e a transmissão de valores em torno da sexualidade é efectuada em todas as esferas sociais.

Como se pode constatar, o problema da socialização sexual da juventude até hoje é maioritariamente analisado na vertente da educação sexual escolar, e em alguns casos, na vertente do género.

2.1.1. FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO SEXUAL NA ANTROPOLOGIA

Se a maioria da bibliografia sobre a sexualidade assenta na análise dos programas de educação sexual na escola e são na sua maioria de linhagem sociológica, isso não implica a ausência total de uma preocupação antropológica em torno da sexualidade.

Os etnógrafos, na sua descrição em torno dos povos pesquisados, fizeram estudos cuidadosos sobre as formas de funcionamento total das sociedades. Assim, a transmissão de valores sobre a sexualidade não foi excepção. E nesta parte do trabalho far-se-á uma apreciação da literatura antropológica no tocante à sexualidade.

Da leitura de algumas obras monográficas nota-se que a preocupação pela socialização sexual das novas gerações em antropologia não é novidade. Segundo Mead⁴, “o antropólogo tem de trabalhar sempre com a sociedade inteira, não se especializa no comportamento infantil ou nas práticas de propaganda ou nos pormenores de habitação”.

A partir da afirmação acima, tornava-se legítimo que os etnógrafos e antropólogos clássicos não se detivessem em um dado específico, mas sim estivessem preocupados com todos os fenómenos que caracterizassem o modo de vida da sociedade estudada. Sendo a socialização sexual um dos fenómenos sociais, também foi preocupação dos etnógrafos ou antropólogos clássicos estudar as modalidades de transmissão dos valores em torno da sexualidade.

o Margater Mead, seguindo uma linha psicanalítica de análise, sustenta que a socialização sexual começa desde o nascimento, através do treinamento de certos órgãos e da inculcação, em crianças, dos seus valores sociais e do comportamento que deverão adoptar quando adultos.

⁴ MEAD, Margaret, (1948), *O Homem e a Mulher*, Meridiano, Lisboa, pp56-7.

Na mesma linha de pensamento, Henry Junod⁵ observa que entre os Bantu da região Austral de África, há ritos especiais a que são submetidos todos os rapazes de uma certa idade. Estes ritos são calculados para dar aos candidatos a impressão de que são homens novos e que já devem prová-lo submetendo-se virilmente às provas desta dura e cruel iniciação.

Por outro lado, estes ritos são concebidos para inspirar autoconfiança nos rapazes, dotá-los de autoridade e também prepará-los para a vida sexual. Quanto às raparigas, Junod⁶ sustenta que desde cedo, elas são preparadas para assumir o papel da maternidade, visto que as mães lhes preparam bonecas que as meninas tratam como se fossem bebés.

Quando elas atingem a fase da primeira menstruação, são submetidas a um tipo de ritos que as prepara para a nova vida, como pessoas sexualmente activas, para além de tomar certos cuidados, como é o caso de não deixar que os homens vejam os corrimentos da menstruação.

Segundo Mead⁷, o próprio processo de amamentação, o que é dito às crianças quando são rapazinhos ou rapariguinhas, os gestos que lhes são feitos, são formas de socialização sexual, que culminarão com a distribuição dos papéis sociais e de formas de comportamento esperados de acordo com o sexo.

Um exemplo ilustrativo está presente no que é feito e dito às crianças de ambos sexos entre os Balineses, onde o pénis da criança do sexo masculino é constantemente acariciado, puxado, sacudido, recebendo pequenas pancadinhas da mãe, da ama, e dos que o rodeiam, carícias estas que são acompanhadas pela repetição do adjectivo “lindo”, enquanto que a vulva da criança do sexo feminino recebe ligeiras pancadinhas acompanhadas do adjectivo “bonita”.

⁵ JUNOD, Henry, (*Junho de 1998*) *Usos e Costumes dos Bantu*, Tomo 1, Arquivo Histórico de Moçambique, pp85.

⁶ JUNOD, Henry, op.cit. pp

A partir do que está exposto acima, nota-se que o processo de inculcação dos valores sobre os órgãos sexuais, sua função, os papéis sociais entre as crianças de ambos sexos, os tabus, mistérios e os preconceitos, começa na família e posteriormente no meio circundante, ou mesmo em paralelo.

2.1.2. FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO NOS ESTUDOS MOÇAMBICANOS

À semelhança do que acontece no contexto da antropologia em geral, estudos moçambicanos neste domínio também se interessam pela socialização sexual veiculada no seio da família. Apesar de não haver ainda estudos direccionados e exclusivos, nota-se um esforço por parte dos pesquisadores interessados na problemática do género, de trazer à tona aspectos ligados à socialização sexual.

Assim, nesta parte do trabalho se fará uma busca referente à socialização sexual nos estudos moçambicanos.

Segundo Junod⁸, os ritos de passagem são calculados para dar aos candidatos a impressão de que são homens novos e de que devem prová-lo, submetendo-se a todas as provas desta dura às vezes cruel iniciação, e que estes ritos a que são submetidos todos os rapazes num certo período da sua vida, são calculados para inspirar confiança em si mesmos.

Do outro lado, o mesmo autor verifica que quando um rapaz se apercebe pela primeira vez duma emissão do sémen diz se que já está adulto. Este ou é submetido a práticas e ensinamentos que marcam a passagem para a nova fase, ou é simplesmente deixado à sorte. Mas sempre há prática e ensinamentos que marcam a passagem da vida infantil à vida adulta⁹.

⁷ MEAD, Margaret, *op. cit.*, pp

⁸ JUNOD, H. A., (Junho de 1998), Usos e Costumes dos Bantu, Tomo 1, Arquivo Histórico de Moçambique, pp93.

⁹ JUNOD, H. A., *op. cit.* pp 104.

Quanto às meninas, Junod observa que quando se aproxima a altura da primeira menstruação, escolhe uma mãe adoptiva em Povoação vizinha e no dia em que a

menstruação aparece pela primeira vez, foge da povoação e vai para a casa da mãe adoptiva para chorar junto dela. Ritos de separação ocorrem e começa o período de margem que dura um mês. Ensinam-lhe os segredos do seu sexo, que nunca se deve mostrar a um homem nenhum traço do fluxo menstrual... ensinam-lhes também a ser delicada com grandes personalidades.

Os últimos ritos significam distintamente a agregação da rapariga à sociedade adulta, e todo costume é belo exemplo de rito de passagem: **da vida assexuada à vida sexuada.**

Segundo Loforte¹⁰, a sexualidade não apenas produz indivíduo social, mas legitima através de regras e de discursos, formas diversas de dominação masculina e de desigualdade de poder; e que a sociedade, dominada pela ideologia patriarcal, legitima direitos e papeis desiguais de homens e mulheres na procriação e não só. Assim, é ao homem que é atribuído papeis activos enquanto que a mulher é considerada passiva. Nesta óptica a sexualidade transmite um conjunto de valores que atribuem papeis diferentes aos sujeitos sociais de acordo com o género e não o sexo.

Ainda constata Loforte¹¹ que “em trabalhos por nós realizados na periferia da cidade de Maputo constatamos que, para a maioria das mulheres, a sexualidade no casamento tem a ver com a procriação, sendo um grande número de filhos, sinónimo de elevação do seu status”.

A partir do que foi apresentado acima, pode-se notar que no seio da sociedade moçambicana e em Maputo em especial, o processo de socialização sexual tem em vista a responder certos imperativos socialmente prescritos, como a produção e a reprodução de

¹⁰ LOFORTE, Ana Maria, (2000), *Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique*, Promédia, pp201.

sujeitos sociais. Este processo é levado de forma progressiva desde o nascimento até a idade adulta.

Como ainda observa a autora acima referida, “a socialização cria expectativas em relação à masculinidade definindo a posição dos homens como sendo de poder e a sua responsabilidade familiar como sendo, sobretudo económica e protectora. As raparigas são educadas ou preparadas para o casamento e para a maternidade, enquanto os rapazes para a vida profissional¹²”.

Nesta perspectiva, tanto no contexto geral da antropologia como nos estudos antropológicos moçambicanos sobre a socialização sexual dos sujeitos, verifica-se que há uma preocupação da sociedade em geral e da família em particular, em transmitir aos novos sujeitos os papéis que a sociedade lhes atribui e que se espera que as desempenhem.

Teresa Cruz e Silva¹³ concorda com o ponto de vista de Conceição Osório¹⁴ segundo o qual “sendo o reflexo de uma ordem e expectativa sociais, tanto a família como a escola cumprem papéis e funções de reprodução da organização social, e como tal, revelam as formas como a sociedade se estrutura e se representa”. Mas isso não deve conduzir necessariamente à conclusão errónea de que a escola e a família são homogéneas e transmitem mesmos conhecimentos e valores.

Assim, Osório¹⁵ defende que a família e a escola são lugares e agentes de socialização determinantes e ao mesmo tempo específicos na formação das identidades e das condutas dos actores sociais.

¹¹ LOFORTE, Ana Maria, (1998), *Relações de Género em Moçambique: Educação Saúde e trabalho*, D.A.A., UEM, Maputo, PP 57.

¹² LOFORTE, Ana Maria, op. cit. pp59.

¹³ SILVA, TERESA CRUZ E, “Educação da rapariga na Missão Suíça – 1930 - 1974” in *Relações de Género em Moçambique* (1998), pp 80.

¹⁴ OSÓRIO, Conceição, “Escola e Família: Diferenças e Complementaridades”, in *Relações de Género em Moçambique*, (1998), pp65.

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

Se a escola e a família são actores específicos, temos aí as diferenças e as especificidades de cada um, e conseqüentemente a cada actor espera-se satisfazer e cobrir certos papéis. Espera-se que a família seja um lugar de cooperação, de partilha e de reprodução biológica por excelência.

E na escola espera-se que seja um centro privilegiado onde se educam e formam, cientificamente e ideologicamente, as gerações futuras. Mas também se espera que a escola esteja em harmonia com outras componentes da sociedade¹⁶.

Na sua obra “Antropologia Económica dos Tsonga do Sul de Moçambique”, José Fialho Feliciano¹⁷ observa que a sexualidade, pelas suas funções, é um código privilegiado de linguagem da vida económica e social, utilizada para falar, não apenas dos processos de desenvolvimento dos indivíduos, mas também dos processos de ocupação e gestão de espaço, da produção dos elementos cósmicos e sociais da economia, da produção culinária, do poder terapêutico, mágico, político, por essa razão constitui uma das traves mestras da cultura tsonga.

O autor acima citado referencia que a sexualidade no quotidiano existe um sistema articulado de regras/proibições que define a rede social, o tempo, o espaço em que a sexualidade enquanto genitalidade é praticada e as expressões envolventes ao nível dos gestos, palavras e vestuário. E enquanto código de linguagem ela é estruturada por um conjunto diverso de cópulas – proibidas, necessárias, incestuosas, nalguns casos proibidas umas associadas a licenciosidade necessária ou a inversão sexual de funções, de vestuário e de espaço.

Assim, a sexualidade neste grupo em análise é uma teoria que regula práticas sexuais baseada num sistema das regras e proibições seguintes: entre duas pessoas de género

¹⁵ OSÓRIO, Conceição, “Escola e Família: Diferenças e Complementaridades” in *Relações de Género em Moçambique*, (1998), pp

¹⁶ CHERKAOUI, Mohamed, (1986), *Sociologia da Educação*, 2ª. Edição, Europa-América, Portugal.

diferente em período fecundo, entre duas pessoas de linhagens diferentes numa relação de casamento existente ou com cônjuge potencial, cada homem com suas esposas, mas cada mulher apenas com seu marido e no espaço masculino do casal de noite, com porta fechada, a luz apagada, debaixo da roupa e com olhos fechados, numa relação em que a iniciativa cabe ao homem e a mulher deve ser passiva¹⁸.

2.2. FUNDAMENTO TEÓRICO

A sociedade é composta por várias formas de conhecimento que constituem o quadro modelador de cada sujeito na análise e interpretação dos fenómenos do dia a dia, para além de serem usadas pelos sujeitos como meios de definição dos modos de vida.

As formas de conhecimento não se distinguem pelos seus objectos de análise ou interpretação, mas pelas formas e regras a que recorrem para construir os seus objectos. Assim, a ciência diferencia-se das outras formas de conhecimento por ter como base de sustentação dos seus resultados e seus trabalhos, a teoria.

Para a elaboração do presente trabalho tem-se como pergunta de partida “**que papel é atribuído à família na implementação do programa geração biz?**” E foi utilizado como quadro teórico a teoria de Geertz¹⁹, segundo a qual, o objecto da etnografia enquanto prática antropológica é uma hierarquia de estruturas significantes em termos dos quais as práticas sociais são produzidas, percebidas e interpretadas, e sem as quais de facto não existiriam, não importa o que cada um fizesse.

Segundo os pressupostos desta teoria, se quer-se compreender o que é a ciência, deve-se olhar em primeiro lugar, não para as suas teorias, mas deve-se ver o que os praticantes da ciência fazem.

¹⁷ FELICIANO, José Fialho, (1998), *Antropologia Económica dos Tsonga do Sul de Moçambique*, Estudos 12, Arquivo Histórico de Moçambique, pp378.

¹⁸ FELICIANO, José Fialho, *Op Cti* pp 379-380.

Para este trabalho se pretende fazer uma descrição e análise da interpretação do programa Geração Biz, a fim de trazer à luz as estruturas significantes em termos das quais as práticas sociais são produzidas e interpretadas.

Deste modo, com uma descrição do programa pretende-se trazer e compreender um conjunto de estruturas significantes em termos das quais o comportamento sexual da juventude é percebido tanto por parte dos próprios jovens como por parte da família e dos membros do ou implementadores do programa.

Do outro lado se pretende trazer e compreender o papel que as partes envolvidas, enquanto actores sociais, desempenham e como é percebido por outros actores.

2.2.1. OBJECTIVOS

Todo o trabalho que se pretende empreender tem em vista alcançar determinados objectivos.

a) Objectivos Gerais

1. Saber quais os objectivos que se pretendem alcançar com o programa 'Geração Biz';
2. Saber quais são os actores envolvidos e as suas respectivas responsabilidades e papéis no seio do programa;

b) Objectivos Específicos

1. Saber o papel atribuído à família enquanto instituição, na implementação do Programa Geração Biz;

¹⁹ GEERTZ, Clifford, (1989), *A Interpretação das Culturas*, Guanabara, Rio de Janeiro-Brasil, pp 17.

2. Saber os motivos que levam os alunos a assistir às palestras e a frequentar outros serviços prestados pelo Programa Geração Biz;
3. Saber se os jovens que constituem o grupo alvo estão envolvidos em outras organizações juvenis ou grupos e clubes de amigos;
4. Saber como os jovens encaram e recebem as palestras e as respectivas mensagens veiculadas nestas palestras e nos meios de comunicação social;

2.2.2. HIPÓTESES

- Os objectivos do Programa divergem com os objectivos da família na socialização sexual dos jovens;
- O programa define a família como um agente passivo na socialização sexual dos jovens.

2.2.3. CONCEPTUALIZAÇÃO

Por questões metodológicas importa apresentar e discutir os conceitos de *cultura, família, papel social e socialização*, por serem os mais importantes no assunto que se pretende analisar.

Segundo Geertz, a antropologia nasce associada à noção de cultura. Este é um dos conceitos mais discutidos, por ser o que justificou na maior parte das vezes o desenvolvimento da antropologia. E a evolução da construção do conhecimento em antropologia implicou e justificou o questionamento da noção de cultura.

2.2.3.1. Cultura

Segundo Malinowski²⁰, “cultura é um todo integral constituído por elementos e bens de consumo, por cartas constitucionais para vários grupos sociais, por idéias e ofícios humanos, por crenças e por costumes”. Como se pode notar, na concepção de cultura de Malinowski incluem-se as idéias, as criações e as práticas de todos os grupos sociais.

Para Saraiva²¹, a cultura é todo o conjunto de actividades lúcidas ou utilitárias, intelectuais e afectivos que se caracterizam especificamente um determinado povo. Neste conceito, o autor põe acento tónico nas práticas utilitárias ou destinadas a gerar proveito, e nas questões afectivas, como a sexualidade.

Mas Rocher²² sustenta que a expressão cultura hoje usada nas ciências sociais tem suas origens na língua alemã e foi usado precisamente para descrever a evolução do progresso humano. Mas ele observa que etimologicamente a palavra vem do francês *cutur* que significava culto religioso, e *couture ou coture* para designar um campo lavrado e semeado e o verbo *culturer* ou *couturer*, para designar a acção de cultivar a terra.

Só no século XVII, *culture* veio a significar o trabalho de terra, e por extensão ou por analogia, empregou-se também em expressões como <<cultura de letras>>, <<cultura das ciências>>, e os escritores só começaram a utilizá-lo para designar, de maneira geral, formação do espírito, no século XVIII. Nessa época, o termo cultura passou a designar o progresso intelectual dum pessoa ou ainda o trabalho necessário a esse progresso.

Ainda Rocher²³ observa que traduzido para o alemão por Von Irwing, Adelung e os seus companheiros, o termo cultura ganhou um sentido mais vasto, e ainda por analogia, para designar o progresso intelectual e social do Homem em geral, das colectividades, a

²⁰ MALINOWSKI, B., (1975), Uma Teoria Científica de Cultura, Zahar, Rio de Janeiro, pp42.

²¹ SARAIVA, António José, (1993), O Que é Cultura?, Difusão Cultural, Lisboa, pp11.

²² ROCHER, Guy, (Janeiro de 1999), Sociologia Geral: Acção Social, Volume I, 6ª Edição, Presença, Lisboa, pp. 98-109.

²³ ROCHER, Guy, op cit pp100.

humanidade. Recebeu então pela primeira vez uma conotação colectiva. Mas continuou a conter a idéia de um movimento para frente, dum aperfeiçoamento, dum devir.

Já na arena inglesa, E.B. Tylor²⁴ citado por Rocher²⁵ define a cultura ou civilização como um conjunto complexo que engloba os conhecimentos, as crenças, a arte, o direito, a moral, os costumes, e todas as outras aptidões e hábitos que o homem adquire enquanto membro duma sociedade.

E Rocher²⁶ seguindo a linha de Tylor, define a cultura como um conjunto ligado de maneiras de pensar, sentir e de agir mais ou menos formalizadas que, sendo apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, duma maneira simultaneamente objectiva e simbólica, para organizar essas pessoas numa colectividade particular e distinta.

Na análise de Santos²⁷, etimologicamente a expressão cultura é de origem latina e o significado original está ligado às actividades agrícolas, e provém do verbo *colere*, que quer dizer cultivar. Mas para os Romanos, cultura passa a referir o refinamento pessoal, a educação elaborada de uma pessoa.

Ele define cultura como sendo tudo aquilo que caracteriza a existência de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade...ou então, quando falamos de culturas estamos referindo mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Este conceito, para além de se referir às idéias e práticas, tem a inovação de trazer a forma como essas idéias e práticas são percebidas pela sociedade e pelo exterior.

²⁴ TYLOR, T.B. (1871), *Primitive Culture*, London, pp5.

²⁵ ROCHER, Guy, op.cit.pp101.

²⁶ ROCHER, Guy, op. cit. pp105.

Na arena dos pensadores italianos, Bernardi²⁸ distingue o sentido humanístico e o sentido antropológico da cultura. Para este autor, no sentido humanístico, **cultura** refere-se ao processo de conhecimentos mais ou menos especializados, adquiridos mediante o estudo. É sinónimo de conhecimento e doutrina. Neste sentido homem culto é aquele que completou estudos superiores, que leu muito e que possui conhecimentos sistemáticos.

Na mesma ordem de idéias, o termo cultura refere-se a épocas particulares (por exemplo, a cultura do renascimento), ou é reservado a uma concepção de vida especial de uma dada região ou localidade (por exemplo, a cultura veneziana).

Num congresso nacional de ciências sociais, um grupo de sociólogos italianos²⁹ definiu por unanimidade a cultura como sendo um conjunto dialéctico dos patrimónios psíquicos experimentais dos indivíduos constituídos no quadro duma sociedade historicamente determinada.

Seguindo a concepção de Tylor da noção de cultura, Bernardi considera que como complexo unitário, a cultura assume ainda valor de património, isto é, um valor transmitido pelos pais, e torna-se herança tradicional que caracteriza todo indivíduo e toda a sociedade.

White³⁰ citado por Bernardi³¹ considera a cultura como uma classe de coisas e de acontecimentos.

E Kluckhohn e Kroeber³² citados por Bernardi³³ consideram que a cultura consiste em padrões explícitos e implícitos de comportamento e pelo comportamento, adquiridos e

²⁷ SANTOS, José Luiz, (1994), *O Que é Cultura*, 14ª Edição, Brasiliense, São Paulo, pp24-27

²⁸ BERNARDI, Bernardo, (1997), *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, Edições 70, Lisboa, pp23-24.

²⁹ AA. VV. (1958) L. Bonacini Seppilli, R. Calisi, G. Cantalamessa Carboni, T. Seppilli, A. Signorelli, T. Tentori (1958) "L'Antropologia Culturale nel Quadro delle Scienze Dell' uomo. appunto per un Memorandum". *L'interpretazione delle Scienze Sociali. Atti del Primo Congresso nazionale de scienze Sociali*, vol 1, Bologna, pp235-253.

³⁰ WHITE, L. (1959), *The Concept of Culture*, *American Anthropologist*, 51, 5, pp227-51.

³¹ BERNARDI, B. op. cit pp27.

³² KLUCKHOHN e KROEBER, (1972), (Tradu. Ital.) *Il Concetto de Cultura*, Bologna, pp367.

transmitidos por símbolos que constituem as aquisições (achievements) distintivas dos grupos humanos, incluindo as suas materializações em artefactos;

O núcleo essencial da cultura consiste em idéias tradicionais (isto é, historicamente derivadas e seleccionadas) e especialmente em valores com elas relacionadas; e os sistemas culturais podem considerar-se por um lado como produtos da acção e, por outro, como elementos condicionantes de acção sucessiva.

Do outro lado, Tentori³⁴ citado pelo autor acima referenciado, define cultura como disposição para enfrentar a realidade, disposição que se constitui nos indivíduos quando membros duma sociedade historicamente determinada e determinante.

Numa percepção próxima a esta, encontra-se Geertz que diz que a cultura consiste em estruturas socialmente estabelecidas de significados, o que faz de uma cultura algo público. Portanto, em Geertz a cultura é as suas representações fazem sentido na medida em que têm significado no meio em que elas se verificam. Fora dele são vazias.

Na concepção de Mitchell³⁵, numa definição lata cultura refere-se 'aquela parte do repertório total da acção humana(e seus produtos), que é social, oposta ao que é geneticamente transmitido.

Malinowski³⁶ citado por Mitchell³⁷ define a cultura como sendo essencialmente a reacção às necessidades humanas. Enquanto que Redfield³⁸ citado pelo mesmo autor considera a cultura como um corpo de compreensões partilhadas.

³³ BERNARDI, B. op.cit.pp29

³⁴ TENTORI, T. (1966), *Antropologia Culturale*, Roma, pp7-8.

³⁵ MITCHELL, G. Duncan (Coord.) *Novo Dicionário de Sociologia*, Rés, Porto, pp126.

³⁶ MALINOWSKI, B. (1944), *A Scientific Theory of Culture*.

³⁷ MITCHELL, G. Duncan, op.cit.pp127.

³⁸ REDFIELD, Robert, (1941), *The Folk Culture of Yucatan*.

Para este trabalho será usada a noção de Geertz, visto que os sujeitos sociais são impelidos a agir de acordo com o significado atribuído a cada estrutura. Assim, o papel atribuído à família no programa Geração Biz dependerá da concepção que os mentores do programa têm sobre a possibilidade de família responder aos desafios actuais impostos pela progressão de doenças sexualmente transmissíveis, na socialização sexual dos jovens.

A participação dos jovens no programa será de acordo com o significado que os jovens atribuirão às mensagens e aconselhamentos recebidos tanto no Programa Geração Biz como na família, para além das práticas e representações partilhadas sobre a sexualidade em suas vidas presentes e futuras.

2.2.3.2. Família

Para além de cultura, outro conceito que importa salientar é o de **família**. Este, à semelhança da cultura, caracterizou o desenvolvimento da antropologia e foi um dos critérios usados na definição da alteridade enquanto objecto de estudo antropológico.

No começo do seu debate sobre família ou household, Netting e Arnould³⁹ apresentam a concepção de Rathje (1981), segundo a qual household é a unidade social básica mais presente e o próprio Netting verifica que a “family household” sensível a menores flutuações no ambiente socioeconómico e na qual os indivíduos adaptam-se a ténues mudanças e nas oportunidades e constrangimentos que os confronta.

Lévi-Strauss⁴⁰ citado por Shapyro⁴¹ considera a família como sendo uma união mais ou menos duradoura, socialmente aprovada, entre um homem e uma mulher e seus filhos. Esta noção denota claramente a influência do tempo e do espaço em que viveu e escreveu Lévi-Strauss, uma vez que considera família exclusivamente na situação de uma junção entre pessoas de sexos opostos que tem como resultado os filhos.

³⁹ NETTING, Robert McC. & Arnould, Eric J., () *Households: comparative and Historical Studies of the domestic group*. pp. xiii.

⁴⁰ LEVÍ-STRAUSS, Claude, (?), *A Família*, pp. 361.

⁴¹ SHAPYRO, Harry L., (1982), *Homem, Cultura e Sociedade*, 3ª Edição, Martins Fontes, São Paulo, pp. 356-57.

Ficam de fora as situações de agregados constituídos por apenas um dos membros e filhos ou outros dependentes, Para além de situações recentes de famílias construídas por pessoas do mesmo sexo. Do outro lado tem o mérito de colocar a ocorrência da família como consequência da aprovação da sociedade.

Do outro lado, Lévi-Strauss traz a noção de família monogâmica considerada como um homem e uma mulher unidos por laços sentimentais e pela cooperação económica, bem como pela criação dos filhos nascidos da sua união.

Lévi-Strauss apresenta as características de uma família, a saber: *tem origem no casamento, constituída pelo marido, esposa e filhos provenientes da sua união*, embora seja lícito conceber que outros parentes possam encontrar o seu lugar próximo ao núcleo do grupo, *os membros da família estão unidos entre si por laços legais, direitos e obrigações económicas, religiosas e de outra espécie, um conjunto bem definido de direitos e proibições sexuais, e uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos, tais como amor, afecto, respeito, reverência, etc.*

Na sua análise, Martin considera que a família tende a especializar-se em duas funções: *estabilização psicológica dos adultos e a socialização primária dos filhos menores*⁴².

Na sua observação sobre as percepções da Igreja e da Sociologia em torno da família, Donat sustenta que a Igreja diz que a família é uma sociedade natural fundamentada no casamento indissolúvel, cujo objectivo é o amor conjugal, a geração e a educação dos filhos, a comunhão, a participação e o diálogo, segundo a imagem da comunidade divina⁴³.

O mesmo autor considera que interpretações mais estreitamente sociológicas sobre a família no ocidente consideram a família como:

⁴² MARTIN, Irenu, (1992), (Org.) *Família, Trabalho, Política: A Experiência do Ocidente*, IBRAS e CHAMPAGNAT, São Paulo e Curitiba, pp.11.

⁴³ DONAT, Pierpaolo, "A Família Contemporânea e o Pensamento Social da Igreja" In *Família, Trabalho, Política: A Experiência do Ocidente*, op.cit.pp44

- Grupo restrito, normalmente nuclear, com progressiva diminuição numérica por dois motivos: baixa taxa de natalidade e afrouxamento dos laços entre os pais;
- Esfera privada por excelência, seja como fundamento civil de qualquer direito à privacy, seja como lugar em que se pode gozar de mais ampla liberdade, contanto que não prejudique os outros;
- Grupo em que as funções vão se minimizando, com a imaginada perda de funções económicas produtivas, educacionais e também política; de modo que a família padrão estaria passando para a especialização em duas funções acima referidas;

E o mesmo autor considera que no caso da Europa oriental, evidenciou-se com a ideologia socialista;

- Toma-se pequena pelo impulso de políticas igualitárias que combatem os laços hierarquizadores dos pais, em favor do trabalho de mulheres fora de casa e da mais ampla socialização das funções domésticas pelos serviços colectivos;
- Tudo o que se refira ao casamento, e a família é questão particular, exactamente como os gastos, preferências, passatempos, consumo e tempo livre, sem nenhuma implicação política;
- Abolição das funções económicas produtivas e do acúmulo da riqueza pela família, com excepção de grupos muito restritos e controlados da população, junto com progressiva socialização fora de casa das crianças, reduziram a família unicamente ao casal ligado pelo amor erótico individual.

Assim, estaria aparecendo uma família padrão predominantemente assim caracterizada:

- Um núcleo que se vai reduzindo unicamente ao casal, cada vez mais fragmentado, junto com o desaparecimento progressivo das formas ampliadas e complexas.
- Um vínculo corroído pela crescente privatização de valores, normas e comportamentos, e consequentemente, alastramento das uniões livres, separações e divórcios, filhos ilegítimos, abortos, experiências sexuais esporádicas, etc.

- Um grupo com funções cada vez mais limitadas em número e importância, logo, cada vez menos importante, pública e politicamente.

Na óptica de Burgess e Locke⁴⁴ citados por Mitchell⁴⁵, a família pode ser definida como um grupo de pessoas unidas por laços de casamento, de sangue ou por adopção, que constituem um único lar interagindo e intercomunicando uns com os outros no respectivo papel social de marido, e de esposa, de mãe e do pai, de irmão e de irmã, e que criam uma cultura comum.

Do outro lado, Bell e Vogel⁴⁶ citados também por Mitchell⁴⁷ apresentam as noções de família alargada como sendo qualquer agrupamento maior do que a família nuclear em que os membros se relacionam por descendência, casamento ou adopção.

E Murdock⁴⁸ também citado por Mitchell diferencia a família alargada da família poligâmica. De acordo com ele, família alargada trata-se de duas ou mais famílias nucleares ligadas pela ampliação da relação pai - filho... isto é, unindo a família nuclear do filho adulto à do seu pai. Enquanto que família poligâmica consiste em duas ou mais famílias nucleares ligadas por casamentos plurais, isto é, tendo um parente comum.

E Mitchell define a família agregada como sendo a que é caracterizada por reunir determinadas características: residência comum, mesa comum, e muitas vezes propriedade e alguns cultos comuns.

Para Mesquitela⁴⁹, na sua análise sociológica a expressão família designa um grupo social que possui, fundamentalmente três características: origina-se na aliança matrimonial, habitualmente é conjugal, embora haja outros modelos familiares, e baseia-se em laços

⁴⁴ BURGUESS, E. W. e LOCKE, H. J. (1953), *The Family*.

⁴⁵ MITCHELL, G. Duncan, op cit. pp236.

⁴⁶ BELL, N. W. e VOGEL, E. F. (1960), *Modern Introduction to the Family*.

⁴⁷ op cit. pp238-39.

⁴⁸ MURDOCK, G. P. (1949) *Social Structure*

⁴⁹ MESQUITELA, Augusto Lima (Coord.), (1992), *Introdução à Sociologia*, 3ª Edição, Presença, Lisboa. Pp.57.

legais que implicam um conjunto de obrigações e proibições, destacando-se a proibição do incesto.

Do outro lado Mesquitela⁵⁰ et all, definem a família elementar ou nuclear como um grupo constituído pelo pai, a mãe e os filhos, quer vivam junto ou não. Constitui a unidade básica da estrutura social e é a fonte das relações de filiação e germanidade. E a par disso, algumas famílias constituem verdadeiras unidades económicas baseadas na cooperação dos diversos elementos e numa rigorosa divisão do trabalho.

No dicionário das Ciências Sociais, família é definida como um grupo caracterizado pela residência comum e pelo convívio de pais e filhos, isolados dos demais parentes. E distingue-se família pelo grupo doméstico (household), considerado como sendo constituído pelos indivíduos que partilham um habitat comum e da mesma reserva de alimentos. E ao contrário, uma família pode dividir-se entre dois ou mais grupos domésticos.

No mesmo dicionário apresentam-se as funções da família como sendo: a económica, a de conferir status e classificação social a seus membros, a lúcida, a recreativa, a de grupo solidário e assistencial, centro de socialização no sentido mais amplo da palavra, não só educando os seus membros, mas transmitindo-lhes todos os condicionamentos para a expressão ou inibição de emoções; serve ainda de quadro a processos biológicos e biosociais que o indivíduo protagoniza durante as suas fases de vida, desde o nascimento, através da maturidade e da velhice, até à morte.

Na sua apreciação ao trabalho dos evolucionistas, Netting & Arnould⁵¹ verificam que *household* ou família, como foi frequentemente chamado, foi supostamente conotado com o grupo de parentesco primitivo, largo, relativamente indiferenciado e extenso e diferente dos grupos familiares nucleares do ocidente moderno, pequenos e especializados.

⁵⁰ MESQUITELA, Augusto Lima et all, (1991), *Introdução à Antropologia Cultural*, 9ª Edição, Presença, Lisboa, pp.115.

⁵¹ NETTING, Robert McC & Arnould Eric J., op cit ppxiv.

Assim, o debate girava em torno de família alargada, assente no parentesco e consangüinidade; e da família nuclear e monogâmica vista como o produto inevitável do desenvolvimento dos direitos de propriedade privada e a que visualizava a dinâmica da estrutura social.

Antropólogos que confrontaram a reconstrução especulativa da mudança evolucionista com os resultados empíricos do trabalho de campo documentaram a universalidade da família e a presença das ligações bilaterais do parentesco em todos casos conhecidos onde marido e mulher vivem juntos com os seus filhos menores.

Posteriormente, a família ou household foi previamente assumida para realizar certas funções ou actividades universais como produção, co-residência, consumo e funções reprodutivas e eram descritas e enumeradas usualmente com base nas características estruturais (seu tamanho e composição do parentesco ou extensão das gerações).

Netting e Arnould⁵² defendem que enquanto a família ou household pode ser definida pelas actividades que executa ou pelo tamanho, também pode ser definida como entidade simbólica – o modelo cognitivo nas mentes dos membros da sociedade.

Hammel, citado por Netting e Arnould refere que a família pode ter diferentes significados, como unidade nativa, em diferentes estratos sociais. Porque as relações familiares são definidas pelos princípios de propriedade, género, senhorio, para além das regras de família serem culturalmente definidas. E os papeis sexuais construções culturais sobre género definir ou construir formas de família.

Na sua visão crítica os autores acima citados verificam que baseados na observação de muitos anos de cruzamentos culturais, sabemos que há certas espécies de actividades que são consistentemente associadas unidades sociais pequenas, numerosas e corporadas que os abservadores concordaram em chamar famílias. Essas actividades podem ser classificadas

em esferas correspondentes ao que se chamou de funções básicas da família de produção, reprodução e transmissão de herança entre outras.

Mas estas esferas não significam que sejam únicas nem exclusivas da família, mas sim as mais frequentes, porque a família desempenha outras actividades como a mercantil, bancária e acções políticas.

Como frequentemente as esferas de actividades sobrepõem-se para diferentes grupos, e definir a família num contexto social particular não requer nem significa que cada família tem o mesmo grupo de esferas de actividades, mas que cada caso que encontramos o grupo mais pequeno com a máxima função cooperativa.

Assim, a família não deve ser definida tendo como base a rotulação a certas actividades consideradas da família. Mas sim, a família deve ser vista como unidade dinâmica e que se adapta às circunstâncias do meio e desempenha ou negligencia certas actividades de acordo com as suas necessidades e a racionalidade interna do grupo.

Na sua análise sobre papel social, Rocher defende que a divisão de tarefas entre pai e mãe não é arbitrária; numa sociedade dada, ou determinada classe duma sociedade, espera-se que o pai realize certas tarefas enquanto que à mãe cabem outras⁵². Isso terá grande influência na formação da mentalidade dos filhos sobre a definição dos papéis por sexo, uma vez que o autor acima citado verifica também que “a psicologia demonstrou que o lugar ocupado por uma pessoa na família de sangue pode exercer influência profunda e permanente sobre a estrutura da sua personalidade” fazendo assim parte da sua socialização sexual.

Do outro lado, o mesmo autor verifica que o sexo da criança contribui desde muito cedo para lhe definir o papel na família, à rapariga aceitam-se maneiras que não se toleram aos

⁵² NETTING, Robert McC & ARNOULD, Eric J., *Op Cit* pp xxix.

⁵³ ROCHER, Guy, (1989), *Sociologia Geral Vol I*, Editorial Presença, Lisboa pp44.

rapazes e inversamente; a uma e ao outro são impostas tanto tarefas como jogos diferentes. A criança aprende assim, desde muito cedo, o papel e até o <<temperamento>> atribuído ao sexo.⁵⁴ Assim, a família socializa os sujeitos de acordo com os sexos e os prepara para desempenhar certos papéis, socialmente considerados adequados ao seu género.

2.2.3.3. Papel Social

Do outro lado importa debater o conceito de **papel social**. De referir que a noção de papel social tem sua origem em sociologia. Entra noutras áreas de análise social por interdisciplinaridade e pela pertinência que tem na análise das funções exercidas pelos indivíduos.

Silva et al⁵⁵ sustentam que como aspecto da estrutura social, um papel pode ser definido como uma posição social determinada, caracterizada por um conjunto de qualidades pessoais e actividades, sendo o conjunto até certo ponto avaliado normativamente tanto pelos participantes, quanto pelos outros.

E como elemento de desempenho de funções ou na interacção social, papel pode ser definido como consequência padronizada de acções aprendidas, realizadas por uma pessoa numa situação de interacção.

E Linton⁵⁶ citado por Silva⁵⁷ faz uma diferenciação entre papel e status. Para ele, status é uma colecção de direitos e deveres e um papel é o aspecto dinâmico de um status; a viabilizar deveres e direitos é desempenhar um papel.

Em Silva⁵⁸ papel social é considerado como sendo o facto de que um indivíduo se destaca e assume socialmente um perfil na medida em que cumpre determinadas tarefas ou funções,

⁵⁴ ROCHER, op. cit. pp45.

⁵⁵ SILVA (Coord.), (1986), *Dicionário de Ciências Sociais*, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, pp861.

⁵⁶ LINTON, (1936), *The Study of Man*, New York, Appleton-Century, pp1 13-4.

⁵⁷ SILVA, Op. cit. pp 861.

as quais encontra, na maioria das vezes, dadas e definidas pela sociedade em que vive. Ao cumprir tais tarefas, preenche mais ou menos bem um papel, e a sociedade lhe corresponde de uma maneira ou de outra, dependendo do seu rendimento.

Em Rocher⁵⁹, papel social refere-se a modelos específicos de uma função ou de uma posição numa colectividade. Caracteriza modelos que, transcendendo as diferenças e as adaptações individuais, servem para orientar a acção dos sujeitos que ocupam uma dada posição. De uma forma resumida, papel social é mais exactamente o conjunto de maneiras de agir que, numa dada sociedade, é suposto caracterizar a conduta das pessoas no exercício de uma determinada função.

Para Mitchell⁶⁰, papel social é o comportamento esperado que se associa a uma posição social. E uma posição social é tão só o rótulo ou o meio de identificar um papel social particular. Daqui observa-se que o papel é um termo relacional. Uma pessoa desempenha um papel vis-à-vis ao papel desempenhado por outra pessoa que está numa contra posição.

De notar que as expectativas que o actor social com o papel contraposto tem do meu papel são geralmente conhecidas como obrigações ou deveres do papel de uma pessoa, e as expectativas que eu tenho relativamente a ele são meus direitos.

Para este trabalho será usado o conceito de Mitchell, porque de um lado apresenta-nos o papel na situação relacional entre dois ou mais sujeitos e por outro lado nos diz que papel é o comportamento esperado que se associa a uma posição. Assim, a sociedade espera que os progenitores ou pais tenham ou adoptem um certo comportamento na socialização sexual dos seus filhos. A não adopção do comportamento esperado pode conduzir a uma representação do papel dos pais na socialização sexual dos jovens.

⁵⁸ SILVA, Op. cit pp862.

⁵⁹ ROCHER, Guy, op.cit.pp44-46.

2.2.3.4. Socialização

E finalmente debatemos a noção de socialização. Também é um conceito de natureza e origem sociológica. A sua utilização em antropologia requer cuidado especial, por entrar neste grupo de saber, na chamada volta à casa da antropologia⁶¹.

Para Rocher⁶², socialização é a maneira como os membros duma colectividade aprendem os modelos da sua sociedade, os assimilam e os adoptam como regras de vida pessoais.

Silva⁶³, adoptando uma conceptualização da Psicologia social, considera a socialização como sendo o processo pelo qual um indivíduo aprende a adaptar-se ao grupo pela aquisição de comportamento social aprovado pelo grupo.

Talco Parsons e R. F. Bales⁶⁴ citados por Silva, verificam que o foco central da socialização está na interiorização da cultura da sociedade na que a pessoa nasce. E para esse fim, os aspectos mais importantes da cultura são os padrões de valores da sociedade, e que as condições eficientes para a socialização consistem em ser colocado numa situação social em que mesmo as pessoas mais poderosas e responsáveis encontram-se no sistema de valores culturais em questão.

E em Mitchell⁶⁵, socialização é o processo de modelação do comportamento humano, quer mental quer físico, pela experiência dada pelas situações sociais. A socialização compreende todos os processos de aculturação, comunicação e aprendizagem, pelos quais o organismo humano cria uma natureza social e é capaz de participar na vida social.

⁶⁰ MITCHELL, G. D. op cit.pp345.

⁶¹ Chama-se volta à casa da antropologia, ao processo que conduziu à análise de sociedades ditas modernas, que no seu surgimento, não constituíam objecto de estudo da antropologia.

⁶² ROCHER, Guy, op. fic.pp52.

⁶³ SILVA, Op.cit.pp1 138.

⁶⁴ PARSONS, T. e BALES, R. F. (1955), Family: Socialization and Interaction Process. Glencoe, III, Free Press, pp17.

E a aculturação deve ser entendida como sendo o processo de aprendizagem social, semelhante ao de aprendizagem dos adultos no qual a comunicação linguística desempenha um papel essencial.

Para este trabalho será usado o conceito de Rocher, uma vez que salienta a acção do sujeito na aprendizagem das regras sociais. Portanto denota uma estrategização do processo de socialização. Assim, os jovens adoptam, interiorizam, assimilam ou rejeitam os modelos sociais da sua sociedade, e os adoptam ou não, como regras da sua vida pessoal. De salientar que o indivíduo não adopta ou adquire passivamente os modelos sociais, por vezes resiste ou rejeita, daí o comportamento dito desviante, ou seja, que não é conforme as regras.

2.3. PROBLEMÁTICA

O interesse pela socialização sexual dos jovens não é algo exclusivo da ciência, uma vez que a socialização sexual faz parte de um dos fenómenos sociais grandemente cobertos de mitos, tabus e preconceitos. Mas em ciências sociais a preocupação pelo que se diz aos jovens sobre sexo num meio extra familiar começa na década 60⁶⁶, na Europa, com as primeiras idéias de incluir nos programas escolares, noções sobre anatomia humana.

Nesta primeira fase, o que se debate nas ciências sociais e em sociologia especialmente, é a educação sexual na Escola que se propunha introduzir nos manuais de biologia. Portanto não havia uma preocupação da análise dos discursos e suas implicações na vida sexual dos jovens como actores sociais.

Lejeune⁶⁷ observa que “o debate sobre educação sexual dos jovens começa no círculo escolar como consequência da constatação da exclusão da anatomia humana e da fisiologia da reprodução humana nos programas das ciências naturais”.

⁶⁵ MITCHELL, G. D. *op. cit.* pp430.

⁶⁶ LEJEUNE, Claude, (1982), *A Educação Sexual na Escola*, pp

⁶⁷ LEJEUNE, Claude, *op. cit.* pp15.

Mas quem põe a questão noutra termo é Werebe⁶⁸ que sustenta que os países ricos impõem ao 3º mundo a função da socialização sexual como sendo exclusivamente a do problema demográfico, considerado de maneira abusiva como a causa do subdesenvolvimento. Dai a razão desta socialização ser inadequada para levar a limitação dos nascimentos.

Quem nos traz as razões da introdução das lições sobre educação sexual na escola é Bonato⁶⁹, segundo a qual o que estava “acontecer era uma resposta à preocupação do século da racionalidade, que procurou produzir um tipo de indivíduo com um comportamento desejado pelo sistema de dominação e pelo sistema de produção capitalista emergente, fazendo nascer uma arte do corpo para sujeitá-lo. Assim, o corpo foi concebido como um bem material que precisa ser modelado, vigiado, por isso é preciso falar dele, investir directamente sobre o mesmo”.

O controlo ao corpo acima referido é feito via discurso médico-higienista, que informa que se o sexo não for controlado pode ameaçar não só o próprio indivíduo, mas sim a própria geração futura em virtude das doenças. Este perigo precisa ser administrado, e o sexo passou a ser entendido como relações sexuais, doenças venéreas, alianças matrimoniais e as perversões (entendidas como práticas sexuais que não estejam de acordo com os padrões socialmente dominantes). Logo precisa ser controlado.

É no cruzamento destas duas concepções que se pode enquadrar o programa Geração Biz, um programa desenhado para responder à preocupação oficial da nossa sociedade para com o jovem e não só, através do esforço em dotar o jovem de um conhecimento do funcionamento do corpo e dos métodos anticoncepcionais, prevenção às doenças, projecção para uma sociedade futura sã e especialmente livre do HIV/SIDA, através de uma responsabilização aos jovens para os efeitos negativos das práticas sexuais e a necessidade de controlo.

⁶⁸ WEREBE, Maria José, (1977), *Educação Sexual na Escola: Psicologia e Pedagogia*, Moraes, Lisboa, pp18.

⁶⁹ BONATO, Nilda da Costa M., op. cit. pp31.

Numa visão funcionalista, Bottomore⁷⁰ refere que o particular da família é o facto de ela exercer certas funções que lhe são indispensáveis e que dificilmente podem ser desempenhadas por outras instituições, a saber: a educação, a função sexual, a função económica e reprodutiva.

Como se pode notar, até aos dias presentes, a preocupação em torno da socialização sexual tem sido no mundo escolar e médico e as preocupações giram em torno de: que tipo de informação deve ser veiculado, quem deve veicular, porquê? Portanto se pretende substituir um conjunto de concepções em torno da sexualidade presente na mentalidade dos jovens, por outras consideradas melhores.

Mas não se trabalha em torno do núcleo e centro de produção dessas concepções, que é a família por onde os jovens começam a prender a pensar em torno da vida, e onde buscam frequentemente noções e reforço sobre a sua identidade.

Neste trabalho pretende-se adoptar uma perspectiva diferente, analisando o papel ou o peso que a família e as suas concepções sobre sexualidade pode exercer sobre um programa desenhado numa perspectiva médico-higienista e desenvolvimentista e que tem como alvo os jovens, vistos como sujeitos isolados do seu meio familiar.

Como observa Ruquoy⁷¹ “se o objectivo é compreender as práticas, importa delimitar o modo como os actores as organizam subjectivamente e as valorizam, mas importa também considerar as relações sociais que tenham efeitos independentes da consciência dos actores”.

Assim neste trabalho seguindo este último autor, faz-se uma busca de como os jovens enquanto actores sociais, organizam subjectivamente e valorizam os conhecimentos em torno da socialização sexual recebidos especialmente no meio familiar. Importa também

⁷⁰ BOTTOMORE, T.B., (1987), *Introdução à Sociologia*, 9ª Edição, Guanabara, Rio de Janeiro, pp164.

considerar as relações sociais que têm efeitos independentes da consciência dos actores como os grupos de amigos e a própria escola.

Tudo porque não existe um sujeito social independente do meio que o rodeia, o que dita a necessidade de repensar em torno da racionalidade de escolhas, que é a base da adopção ou não das mensagens ministradas pelo Programa Geração Biz.

Assim, colocar os jovens na situação independente mostra-se inadequado porque como verifica Saraceno⁷², a partir do século XVII os filhos tornaram-se cada vez mais o centro de atenções precisas e estratégias educativas familiares. E para isso a infância prolonga-se e surge uma longa idade de desenvolvimento que deve ser cuidadosamente regulada, protegida, controlada e onde se investe na totalidade, na experiência da criança desde os comportamentos corporais até à educação moral.

E ainda como observa a autora acima citada, a família entra em contraste com outros sujeitos ou centros de detenção de poder, controlo e de elaboração de normas, particularmente o Estado, porque este último interfere na elaboração de normas referentes aos “sujeitos interiores das relações familiares”.

Para, além disso, Saraceno observa que “é dentro das relações familiares, tal como são socialmente definidas e regulamentadas, que os próprios acontecimentos da vida individual mais parecem pertencer à natureza, recebem seu significado e através deste são entregues à experiência individual: o nascer e o morrer, o crescer, o envelhecer, a sexualidade, a procriação⁷³”.

Assim, se torna indispensável fazer uma análise do papel que a família pode desempenhar na implementação do programa Geração Biz, porque a expressividade da vida é aprendida a

⁷¹ RUQUOY, Danille, “A situação de Entrevista e Estratégia do Entrevistador” in ALBARELLO, Luc et al (1977), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, 1ª Edição, Grádiva, Lisboa, pp88.

⁷² SARACENO, Chiara, (1997), *Sociologia da Família*, 2ª Edição, Estampa, Lisboa, pp88.

⁷³ SARACENO, Chiara, op. cit. pp. 12.

partir do meio familiar. E é a partir do meio familiar que os sujeitos recebem representações sobre diferentes situações circundantes e outros agentes de socialização, inclusive a própria escola.

3. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA

Aquilo que actualmente denomina-se Geração Biz surge como consequência de vários encontros e ou conferências a nível internacional para discutir os problemas que afectam a juventude a nível mundial.

Segundo Hansworth⁷⁴ “segundo a Conferência sobre População e Desenvolvimento de 1994, o Governo de Moçambique reconheceu que investir na juventude era um investimento no futuro do País. Diversas iniciativas foram começadas para direccionar as necessidades dos jovens, incluindo a Política Nacional da Juventude. Esta política estava virada para aumentar o envolvimento juvenil na arena política e continha provisões especiais para promoção integrada dos serviços e informação sobre saúde sexual e reprodutiva de alta qualidade.”

Segundo isso, um Comité interministerial desenvolveu um plano integrado de acção para apoiar o desenvolvimento do adolescente e jovem. O resultado deste plano de acção foi o lançamento de um projecto multi-sectorial para a saúde sexual e reprodutiva do adolescente chamado Geração Biz em 1999. O projecto começou na cidade de Maputo e na província da Zambézia e estava equipado para direccionar as necessidades de saúde sexual e reprodutiva para dentro e fora da Escola.

Mas o mais marcante foi a Conferência dos países de Língua Oficial Portuguesa que foi realizada em Cabo Verde e que deliberou a necessidade de criação de equipas

⁷⁴ HANSWORTH, Gwyn, (Outubro de 2002), Providing Reproductive Health and Services to this Generation: Insights From Geração Biz Experience, Maputo pp5.

multissectoriais nestes países que se ocupassem de vários problemas que enfermam a juventude. Como consequência desta orientação, surgiu o Comité Intersectorial para o Apoio e Desenvolvimento do Adolescente Jovem (C.I.D.A.J.), um organismo que congrega o Estado representado pelos Ministérios de Educação, da Saúde, da Mulher e Coordenação da Acção Social, da Juventude e Desportos, do Trabalho e da Coordenação da Acção Ambiental, por ONGs e todas as forças que estivessem envolvidas no trabalho com e para a juventude.

Segundo Marcelo, este Comité é um Fórum consultivo do Governo, onde cada elemento deve ter um papel a desempenhar, cabendo ao governo a parte de coordenação e supervisão, e às ONGs a missão de implementação. Assim, cabe ao Ministério da Juventude a presidência do Fórum, ao Ministério da Saúde a vice-presidência e o Ministério da Educação entra pelo facto de ser o que com mais jovens lida durante o ano nas escolas.

Este Comité (com estatutos por aprovar) foi encarregue ainda de desenhar um Plano Nacional de Acção para a juventude que incluía três pontos, a saber: **educação para a vida familiar, legislação e educação para a vida laboral**. O programa Geração Biz nasce da vertente Educação para a Vida Familiar, financiado inicialmente pelo UNFPA.

Mas para Hansworth⁷⁵ o CIADAJ formulou um Programa Integrado e Plano de Acção para o Apoio do Desenvolvimento do Adolescente e Jovem em 1997, que incluía as seguintes áreas chaves: **política e legislação para adolescentes e jovens, educação de vida familiar e educação para a vida na comunidade**. O mandato da CIADAJ era promover e coordenar a implementação deste plano de acção.

Ainda segundo a autora acima citada, a maior linha de acção no plano integrado do CIADAJ era aumentar o acesso à informação e serviços de saúde sexual e reprodutiva do adolescente. E o primeiro passo tomado nesta área foi conduzir uma avaliação nacional de

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, donde foi constatado que os adolescentes não devem ser encarados como um grupo homogêneo.

Por isso, foi determinado que a resposta mais efectiva para as diversas necessidades dos jovens era uma aproximação multi-sectorial que incluísse muitas intervenções e actividades simultâneas conduzida por diversas instituições governamentais em estreita colaboração com ONGs existentes e associações baseadas na comunidade. Foram definidas claramente as responsabilidades futuras de cada sector a saber: **sector da saúde** – implementação de serviços amigáveis ao jovem, **a Educação** - inspecção das actividades baseadas na Escola enquanto que o Ministério da Juventude e Desportos implementaria intervenções viradas para os jovens fora da Escola.

O programa foi desenhado, mas ainda não tinha nome. Depois de várias auscultações aos jovens a cerca do nome que deveria receber o programa de Educação para a vida familiar, constatou-se que a maioria dos jovens dizia estar muito ocupada com a sua vida e que não dispunha de tempo para tratar de assuntos ligados à juventude no geral, nem de um programa de saúde sexual e reprodutiva.

Como em Inglês ocupado se diz **busy**, surgiu o nome **biz**, resultante do calão usado pela maioria dos jovens, porque se constatou que esta geração da juventude dizia estar muito “**biz**” para tratar deste assunto.

O programa está assente na passagem de mensagens destinadas a persuadir os jovens a mudar de concepção sobre a sua sexualidade, especialmente nas práticas de relações sexuais.

⁷⁵ HANSWORTH, Gwyn, op cit pp15.

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

Na sua primeira fase, o programa actuava em 15 escolas na cidade e na província de Maputo⁷⁶, e realizava actividades de formação na província da Zambézia. Durante este período, o programa assentava na formação de activistas encarregados de ministrar aulas uma vez por semana em matéria de saúde sexual e reprodutiva.

Fora da Escola, o programa veicula mensagens consideradas básicas em locais de maior concentração das cidades e vilas, com o objectivo de atingir os jovens não estudantes. Do outro lado intervia em pessoas infectadas e afectadas pelo HIV/SIDA, dando ajuda e suporte psicológico e o que se chama **hospital - dia**.

Segundo Joaquim Wate e Marcelo, as mensagens veiculadas à nível do programa assentavam na saúde sexual e reprodutiva aliada à contenção da natalidade como:

que os jovens devem retardar no máximo o começo das práticas das relações sexuais, que as raparigas devem dispor de potencialidades de negociar o sexo seguro, desencorajar a prática de aborto, prevenção e combate às DTS e HIV/SIDA através da prática do sexo seguro, prática do planeamento familiar, responsabilização dos jovens em relação às suas práticas sexuais tendo como base o seu futuro social e sanitário e incutir nas mentes dos jovens a necessidade de retardar o começo da procriação tendo em vista o futuro dos filhos e como forma de garantir o amadurecimento biológico dos corpos das jovens.

Nas escolas estas mensagens eram ou deviam ser ministradas nas horas lectivas normais, especialmente nas reuniões de turma, ou aulas escolhidas para o efeito. Enquanto que fora do círculo escolar, o programa aposta na promoção de actividades de recreação como forma de atrair os jovens ao convívio como o teatro, desportos, concursos e outras práticas, durante as quais as mensagens são veiculadas.

Como forma de garantir a participação de toda a sociedade estava estipulado que os pais e encarregados de educação também deviam ser abrangidos. As mensagens dirigidas aos pais

⁷⁶ Escola Secundária Josina Machel, Francisco Manyanga, da Maxaquene, Estrela Vermelha, Eduardo Mondlane, da Namaacha, da Moamba, Unidade 15, Escola Comercial de Maputo, Escola 10 de novembro, Colégio Kitabu, Arco Íris, Centro de Formação de Professores de Namaacha e escola 3 de Fevereiro

e encarregados de educação deviam ser veiculadas por professores (directores das turmas) nas reuniões com os primeiros.

Esta medida destinava-se por um lado a dotar aos pais e encarregados de noções e conhecimentos em torno de saúde sexual e reprodutiva, de modo a que eles fossem capazes de ajudar os filhos e os educandos, e do outro lado porque se achou moralmente não viável ser os filhos a educar os pais em torno de saúde sexual e reprodutiva.

Devido ao atraso⁷⁷ do Ministério da Educação na elaboração de um programa ministerial de combate ao HIV/SIDA, a medida acima fracassou, porque os próprios professores não foram capacitados em torno das matérias sobre DTS, SIDA e saúde sexual e reprodutiva. Este problema gerou um desnível na implementação do programa dentro do próprio ministério.

A congregação de diversas instituições que trabalham em torno da juventude num só programa visava evitar a dispersão de fundos ou recursos financeiros para além da necessidade de reunir e agrupar ideias e esforços destinados a objectivos comuns.

3.1. PRESSUPOSTOS DO PROGRAMA

Segundo Joaquim Wate⁷⁸, o programa foi concebido para ocupar um lugar vazio, a partir do pressuposto de que os pais perderam o controlo sobre os seus filhos, pois não têm tempo para conversar com eles.

Outro pressuposto do programa Geração Biz é que no contexto social nacional, verifica-se uma ausência do papel dos pais na socialização sexual dos filhos.

⁷⁷ O Ministério da Educação elaborou o seu programa de combate ao HIV/SIDA no seu Conselho Consultivo de 2002, realizado em Maputo no mês de.

⁷⁸ Chefe do Departamento de Programas da AMODEFA.

Como se pode constatar, os mentores e implementadores do programa geração Biz consideram que os pais estão ausentes na suas obrigações como pais. Portanto, a família está ausente na socialização sexual dos seus filhos.

E na óptica de Marcelo⁷⁹, o grande impulsionador do programa Geração Biz é o conflito de gerações, uma vez que aquilo que faz parte dos grandes valores de socialização para a geração dos pais deixou de ser para a geração dos filhos, ou a sua pertinência passou a ser questionável para a geração dos filhos. Daqui constata-se que os padrões de socialização sexual dos pais não conseguem responder às exigências dos filhos, uma vez que os problemas que afectavam a juventude passada não são os mesmos de hoje.

Do outro lado, Marcelo sustenta que os tabus e mitos que lideraram a vida sexual dos pais servem de obstáculo a uma socialização sexual aberta. Segundo ele, o problema é que a socialização sexual veiculada no meio familiar assente nos mitos tem um fundo intimidador, porque as crianças (principalmente as meninas) quando atingem os primeiros sinais de maturidade, são ditas que não devem mais brincar com os homens. Isso dificulta aos jovens uma conversa aberta com seus parentes de modo a exporem suas dúvidas sobre sexualidade.

E Hansworth⁸⁰ sustenta que muitas vezes os adultos não engajam os jovens em discussões abertas e francas sobre sexo, HIV e modos de protecção por temer que encorajarão os jovens a entrar na actividade sexual. E a mesma autora sustenta que a desintegração das famílias e valores associados, acompanhada da recente quebra nos costumes tradicionais e o aumento da influência da cultura moderna, liderou para a ausência de um mecanismo formal para comunicar o comportamento esperado do adolescente. Este vazio aumenta a vulnerabilidade das meninas, pondo-as ao risco de exploração física e psicológica, ao mesmo tempo que resulta gravidez precoce, casamento prematuro e negócio de sexo por dinheiro ou favores.

⁷⁹ Chefê do Departamento da Juventude da AMODEFA.

⁸⁰ HANSWORTH, Gwyn, op cit, pp5.

3.2. OBJECTIVOS DO PROGRAMA

À semelhança de muitos outros programas que se são empreendidos segundo Joaquim Wate, o programa Geração Biz foi concebido para alcançar certos objectivos a saber:

- Aumentar o acesso e o uso de serviços especialmente sanitários aos jovens;
- Aumentar o acesso à informação para um comportamento sexual seguro;
- Aumento da capacidade institucional para as instituições que trabalham para os jovens e especialmente envolvidas no programa;
- Intervir na elaboração da política de saúde para jovens.

E para Hansworth⁸¹ o programa Geração Biz foi elaborado para alcançar os seguintes objectivos:

- Estabelecer uma rede de serviços de saúde sexual e reprodutiva e aconselhamento de qualidade para o adolescente dentro do sistema de saúde pública e sítios alternativos;
- Desenvolver programa baseado na Escola para jovens dentro da Escola que possa providenciar informação apropriada sobre saúde sexual e reprodutiva do adolescente e aconselhamento e que esteja ligado aos serviços de saúde amigáveis ao jovem e sensíveis ao género;
- Desenvolver a componente que alcance o jovem fora da Escola que providencie informação apropriada sobre saúde sexual e reprodutiva e esteja ligado aos serviços de saúde amigáveis ao jovem e sensíveis ao género;
- Potenciar o jovem dentro da Escola com informação de habilidades de vida que seja direccionada ao desenvolvimento da saúde sexual e reprodutiva e orientada para a mudança de comportamento.

3.3. ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO DO PROGRAMA

De acordo com Joaquim Wate, para a execução do programa e para garantir o cumprimento dos objectivos desenhados foram traçadas as seguintes estratégias de acção:

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

- Fazer com que o programa seja multisectorial e os problemas da juventude sejam encarados como sendo de todos;
- Fazer com todos (toda a sociedade) intervenham no programa;
- Concentração das instituições preocupadas com os problemas da juventude de modo a maximizar os recursos e evitar a sua dispersão;
- Recrutamento e formação de activistas e voluntários;
- E ao nível das escolas formar activistas que possam transmitir o conhecimento aos seus colegas, ao passo que os professores devam transmitir o conhecimento aos encarregados de educação em reuniões gerais ou das turmas.

E Hansworth⁸² denota que o programa Geração Biz assenta em duas estratégias de suporte, a saber:

- a) Criar um ambiente social coeso e seguro para o desenvolvimento de comportamento e mudança entre os jovens dentro e fora da Escola e suas redes sociais;
- b) Fortalecer as capacidades das instituições parceiras (Governo, ONGs e outros facilitadores ou provedores de serviços) para planear, implementar, monitorar e avaliar intervenções multi-sectoriais da saúde sexual e reprodutiva do adolescente.

Mas importa notar que há uma estratégia de acção centralizada na Escola e fora da Escolar votado para o segundo plano. E os pais deviam obter estes conhecimentos a partir do meio escolar através dos professores.

Para os jovens fora da escola não há uma estratégia específica de modo a alcançar esta camada. Sabendo que a camada juvenil escolar constitui uma minoria no país, então a maioria da juventude estaria abrangida de forma esporádica.

⁸¹ HANSWORTH, Gwyn, op cit. pp11-17

⁸² HANSWORTH, Gwyn, OP cit. pp18.

3.4. MENSAGENS VEICULADAS NO CONTEXTO ESCOLAR

O programa Geração Biz trabalha em Escolas Secundárias e técnico – profissionais na sensibilização aos jovens sobre os procedimentos a tomar para ter uma vida sexual segura. Assim, para os alunos do ensino secundário geral do primeiro ciclo (8ª a 10ª classe) as mensagens têm como alvo principal persuadir o adolescente a adiar o início da sua actividade sexual. Mas para os que tiverem começado, o alvo é sensibiliza-los a usar o preservativo como forma de prevenção tanto das DTS, HIV como da gravidez precoce e indesejada.

As mensagens incidem na necessidade de preparar os jovens a crescer com uma conduta responsável, dotar as raparigas da capacidade de negociação de sexo, cultivo de auto-estima numa relação afectivo - amorosa e nos grupos de amigos, para além de noções gênero. Portanto, a tónica principal não é a sensibilização em torno do HIV/SIDA, mas sim a educação e preparação para uma vida responsável.

No segundo ciclo (11ª a 12ª classe), as mensagens incidem sobre a necessidade de prevenção ao HIV/SIDA, uma vez que se trata de pessoas que já iniciaram a sua actividade sexual. Mas a prevenção não assenta exclusivamente no uso do preservativo, mas também procura inculcar nos jovens a ideia de não verem no sexo o fim último de um relacionamento, nem como a solução ou meio de sustentação de um relacionamento.

Do outro lado, veiculam-se mensagens sobre a necessidade de usos de métodos contraceptivos para evitar gravidez indesejada, o que teria como consequência principal a interrupção da escolaridade ou a difícil conciliação entre responsabilidades de maternidade e de escolaridade. Também se mostra que a prática sexual não só proporciona prazer, mas também pode conduzir à frustração e traumas.

3.5. INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

O programa Geração Biz tem a particularidade de ser multi-sectorial, cujo impacto se quer que seja em diferentes frentes na vida do adolescente e de jovem, ou seja, a mudança de comportamento e de valores sociais sobre a sexualidade, relações de género e muito mais. Assim, diversas instituições estão envolvidas e comprometidas com o programa, tanto na implementação quanto coordenação.

3.5.1. NA IMPLEMENTAÇÃO

De acordo com Hansworth⁸³ no princípio o projecto era executado através da Direcção Nacional da Juventude do Ministério da Juventude e Desportos em conjunto com o UNFPA (Fundo das Nações Unidas para a População) e a Parthfinder International. A Direcção Nacional da Juventude era a verdadeira agência executora com a Parthfinder assumindo responsabilidade pela provisão a longo termo da assistência técnica assim como execução das intervenções que são implementadas pelas ONGs nacionais.

Recentemente (2002) houve mudança de responsabilidades de execução sendo que agora o projecto é executado pelos três parceiros de implementação (MINED, MISAU, MJD) e as suas respectivas direcções provinciais com a assistência técnica da UNFPA e a Pathfinder.

Devido a sua aproximação multi-sectorial o programa Geração Biz envolve muitas instituições do sector público como duas ONGs nacionais: a AMODEFA e a ARO Juvenil. A nível central, o projecto é implementado pelo sector de Saúde e Educação do Adolescente do MISAU, Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação do MINED e pela Direcção Nacional da Juventude do MJD. E na cidade de Maputo, as actividades são implementadas pelas direcções da cidade dos Ministérios acima citados, AMODEFA e muitas associações juvenis.

⁸³ HANSWORTH, GWYN, *PO CIT* PP18-19.

3.5.2. NA COORDENAÇÃO

A autora acima referenciada observa que desde que o programa Geração Biz surgiu do Plano de Acção Intersectorial do CIADAJ, era visionário que o CIADAJ assumiria a responsabilidade de coordenar esta intervenção multi-sectorial. O CIADAJ estava sob auspícios da Direcção Nacional da Juventude e apesar disso tinha laços directos de verdadeira agência executora, assim facilitando a comunicação entre o MJD e outras instituições de implementação como o MISAU.

Eram realizadas reuniões mensais com representantes de cada instituição implementadora e um memorando de entendimento foi assinado com cada instituição, definindo claramente o papel no processo de implementação do programa.

Enquanto teoricamente o CIADAJ parecia ser um mecanismo apropriado para a coordenação de um programa multi-sectorial, na realidade a coordenação provou ser difícil. A falta de clareza no concerner ao mandato e papel do CIADAJ teve como resultado que o CIADAJ assumiu responsabilidade pela implementação, mais do que coordenação das actividades do programa. E a constante mudança na representação do CIADAJ contribuiu também para o mau funcionamento deste organismo multi-sectorial.

Cada Ministério e ONG era responsável por seleccionar seus funcionários para representar suas instituições no CIADAJ. Todavia, dadas as constantes mudanças no pessoal que os Ministérios experimentam, os membros do CIADAJ mudavam continuamente. Assim, o progresso do CIADAJ foi significativamente impedido devido a ausência de membros permanentes. A necessidade de um pessoal permanente que trabalhasse no programa para se envolver no CIADAJ tornou-se evidente. E as reuniões do CIADAJ tornaram-se frequentes e a viabilidade como monitoria e coordenação do organismo diminuiu.

Na ausência de um organismo de coordenação efectivo a DNJ assumiu muitas responsabilidades interinas para a coordenação das actividades de cada sector. Reconhecendo que a coordenação de tal projecto extensivo e multi-sectorial não podia ser

feita por uma só instituição, foi formado um novo organismo multi-sectorial de coordenação

Foi decidido que a responsabilidade deste novo organismo coordenador seria partilhada igualmente pelos três Ministérios (MINED, MISAU e MJD). O coordenador deste novo organismo seria eleito de um dos Ministérios na base rotativa. E cada sector tem dois representantes neste organismo coordenador que estão directamente envolvidos com o projecto.

4. RESULTADOS PRELIMINARES DO ESTUDO

4.1. A SOCIALIZAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS NO MEIO FAMILIAR

Segundo os mentores do programa Geração Biz, a família encontra-se ausente na socialização sexual dos jovens, principalmente nos meios urbanos. Como constata Marcelo, os pais não conversam com seus dependentes sobre a sexualidade. Sendo assim, a ausência da família na socialização sexual gera um vazio, que deve ser ocupado, e este é ocupado pelo programa Geração Biz.

Assim, na realização deste trabalho foram feitas entrevistas no campo para analisar e compreender a dinâmica do processo de socialização sexual dos jovens a nível familiar. Foram entrevistados 86 alunos, sendo 42 rapazes e 44 raparigas com idades que variam entre os 15 e os 22 anos na sua maioria sexualmente activos e todos alvos do programa. A maioria (77.91%) encontra-se na faixa compreendida entre 16-18 anos. A segunda faixa mais numerosa é a dos 14-15 anos que corresponde a 18.6% dos entrevistados, onde se encontram alguns que ainda não iniciaram a vida sexual.

De notar que dos entrevistados, 47.6% vivem com ambos progenitores, 22.1% vivem com um dos progenitores (pai e madrasta ou mãe e padrasto), 10.5% com os irmãos mais velhos,

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

5.81% só com as mães, a mesma percentagem com os tios, 3.50% com os avós e 1.2% a viverem sozinhos e a mesma percentagem com namorado (uma menina). Portanto verifica-se que são poucos os que vivem com outros parentes, porque de forma agregada, 75.51% dos entrevistados vivem com pelo menos um dos progenitores.

Apesar de mais da metade (75.51%) dos entrevistados viver com pelo menos um dos progenitores, 58.14 % dos entrevistados não conversa com os progenitores sobre sexualidade, fazendo-o os restantes 41.9%. Desta constatação, os mentores do programa Geração Biz vêem a ausência dos pais nas suas obrigações e uma falta de capacidade de os pais responderem às ansiedades dos seus filhos.

Ou seja, para os mentores do programa Geração Biz, o conflito de gerações, faz com que os valores sociais que orientaram a juventude dos pais estejam ultrapassados para responder aos desafios da juventude desta geração. Mas Henri Junod⁸⁴ verifica que há um problema antropológico que norteia a socialização sexual nos Bantu, caracterizada pela delegação de funções aos grupos de amigos e mestres especializados (para os rapazes) e às madrinhas ou tias para as raparigas.

De notar que o não conversar constantemente sobre sexualidade com os pais não significa ausência total dos pais na socialização sexual dos jovens; uma vez que dos entrevistados 43, ou seja, 50%, conversaram com um dos parentes depois que atingiram a primeira menstruação sexual para as meninas ou os primeiros sinais de maturidade sexual por parte dos rapazes. Os restantes 50% conversaram com os amigos, uma ínfima parte com o pessoal profissional da saúde e alguns com ninguém.

O que pode justificar este fenómeno é a constatação de Wate⁸⁵, segundo a qual no seio da nossa sociedade, a socialização sexual não é contínua, mas sim periódica e destinada a responder a certos desafios para idades socialmente construídas. Assim, os parentes

⁸⁴ JUNOD, Henry, (19) *Usos e costumes dos Bantu*,

⁸⁵ WATE, Joaquim, Chefe do Departamento de Programas da AMODEFA

conversam sobre sexualidade com seus dependentes em certas fases da vida e que são marcados por eventos cerimoniais.

Ou ainda a constatação de Feliciano⁸⁶ segundo a qual entre os Tsongas do Sul de Moçambique, a sexualidade no quotidiano é um sistema de articulado de regras ou proibições que define a rede social, o tempo e o espaço em que a sexualidade, enquanto genitalidade, é praticada e as expressões envolventes ao nível dos gestos, palavras e vestuário.

C R Taber (1981, 426) citado por L. Cox⁸⁷ observa que as comunidades estão compreendidas de sistemas sociais com propriedades bem definidas, direitos e obrigações para seus membros. E que durante os momentos de transição, não há papéis claramente definidos no processo individual. Assim, os indivíduos nestas fases encontram-se no estado de liminaridade (*do latin limin que significa situação limiar ou solteira*), no ponto de passagem – não estando no anterior nem no novo.

Pessoas no estado de liminaridade são consideradas perigosas e no perigo elas mesmas. Daqui, os ritos de passagem são desenhados para certificar que a pessoa em transição não tenha nenhum acto não harmonioso nem seja vítima das forças perigosas durante a passagem.

Ainda Taber verifica que os vários estágios que caracterizam os ritos de passagem podem não ser sempre distinguidos claramente nas mentes dos que passam do ritual, mas todas as sociedades têm diferentes rituais de ligação de idades, e marcam a passagem de um para o outro, mas todos não têm o mesmo ritual, mesmo no número e no modo.

⁸⁶ FELICIANO, José Fialho, Op Cit. pp378.

⊕

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

Do outro lado, Tuner citado por L. Cox⁸⁸ observa que o limiar contradiz a experiência social normal, como por exemplo, me muitos ritos de iniciação, os participantes são levados a um lugar fora do centro da aldeia e expostos ao mundo escuro, perigoso, personificado com fantasmas, feiticeiros, demónio, ... e onde os ritos de reincorporação são antecipados pelas instruções dadas sobre costumes, sexualidade, histórias e modos de comportamento.

Sendo este um modelo de percepção sobre sexualidade e a forma de o transmitir, então não será contínuo, mas contextual segundo as necessidades de cada sujeito. Dai que o problema não será a diferença de gerações entre os pais e os filhos, mas a diferença das percepções sobre sexualidade e as necessidades dos jovens entre os pais e os mentores do Programa Geração Biz.

Do outro lado, segundo a constatação de Taber, em todas as sociedades há ritos de passagem, mas os números e os modos diferem. Dai que num contexto urbano presente, não se pratique a separação, mas sim o ensino sobre sexualidade, mas em tempos determinados.

Os restantes que não conversaram com os parentes sobre as transformações que ocorriam em suas vidas, a maioria teve motivos como vergonha, falta de coragem, por achar difícil, por não se sentir capaz de conversar com os pais sobre o assunto de sexualidade, por nunca ter tido uma conversa igual antes, por receio ou porque não dava conversar com eles sobre isso.

Uma minoria é que entende que os pais não entenderiam, ou porque estão desinformados sobre o assunto e outros ainda devido à ausência dos pais por motivos laborais. Portanto, há um conjunto de factores antropológicos, culturais e psicológicos que determinam a conversa ou o diálogo frequente entre os pais e os filhos sobre a sexualidade.

⁸⁷ L. COX, James, (1998), *Rites of Passage in Contemporary Africa*, Cardiff academic Press, Great Britain, pp. x-xi.

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

Por exemplo, dos 42 rapazes entrevistados, apenas 15 é que preferem receber conselhos e noções sobre sexualidade no programa Geração Biz. Destes 10 tiveram as suas primeiras conversas sobre sexualidade com os amigos, 3 com ninguém, 1 com um primo e 1 com um membro do programa Geração Biz.

Este grupo prefere os aconselhamento do Programa Geração Biz, porque *“os conselheiros do Programa Geração Biz são mais qualificados sobre os aconselhamentos”*, ou *“porque os membros do Geração Biz são jovens como eu e eles falam numa forma directa que ‘é fácil de compreender’*” ou ainda *“porque no Geração Biz a gente pergunta o que queremos e eles sempre respondem”*.

Quanto ao teor das conversas que os pais ou parentes que tiveram com os seus dependentes sobre sexualidade temos 16.28% a incidirem sobre a necessidade de higiene corporal e para as moças *“não brincar com os homens e não fazer sexo desprotegido”*. E 18.60% foram aconselhados (as) a prevenir-se de doenças sexualmente transmissíveis, a ter cuidado porque caso contrário poderia engravidar porque já são mulheres ou homens. Dizer que estes dois grupos de jovens formam, na sua maioria, aconselhados por seus parentes.

Por outro lado, aproximadamente 10.50%, foram aconselhados a usar o preservativo ou a praticar a abstinência sexual. Enquanto outros foram aconselhados a não começar a vida sexual antes dos 18 anos, a ter cuidado e a saber controlar as datas de menstruação, que já estão capacitados de fazer filhos, para além da necessidade de fidelidade.

Temos ainda 15.11% de jovens que não se recorda do que lhes foi dito neste tempo. Isso é curioso, por se tratar de pessoas que receberam estes conselhos há 1 ou 5 anos atrás. Uma coisa a constatar é a semelhança das mensagens passadas pelos pais, parentes e grupos de amigos, e as mensagens do programa geração Biz sobre sexualidade, e uma forte preocupação pela saúde reprodutiva e sexual, sobretudo em torno do HIV/SIDA.

⁸⁸ L COX, op cit pp xii.

4.2. IMPACTO DO PROGRAMA GERAÇÃO BIZ NOS JOVENS BENEFICIÁRIOS

De notar que apesar de o Programa Geração Biz ter sido desenhado para servir os interesses da juventude tanto dentro como fora das Escolas, o seu impacto é mais notório no meio escolar porque 55.8% dos entrevistados tiveram o seu primeiro contacto com o Programa no meio escolar, sendo 22.1% a partir de 2002, 15.12% desde 2001 e aproximadamente 14% a partir de 2003.

Curiosamente, estes anos de maior crescimento do programa Geração Biz coincidem com o tempo de aumento das taxas de pessoas infectadas pelo HIV/SIDA, especialmente no meio juvenil. Talvez isso seja condicionado pela fraca divulgação do programa nos meios de informação e comunicação social, uma vez 11.6% dos alunos entrevistados é que teve primeiro contacto com o programa via televisão e 3.5% aproximadamente, via Rádio.

Apenas duas pessoas ouviram falar do programa no Hospital, 6 (aproximadamente 7%) pessoas pelo bairro, 4 (aproximadamente 4.7%) nas conversas de rua e amigos. Assim, apesar de a Escola Comercial de Maputo fazer parte das escolas-piloto do projecto, este não tem sido objecto de conversa entre os amigos e colegas fora e dentro da escola.

E o que explicar este silêncio dos beneficiários é o motivo pelo qual eles participam nas palestras e sessões de aconselhamento, levadas a cabo pelo programa. Sendo assim, 27.91% dos jovens aderiu as palestras e aconselhamentos porque *queriam saber mais sobre a vida, práticas sexuais, DTS, SIDA, e ou por curiosidade.*

Enquanto que perto de 7% aderiu por achar as palestras maravilhosas, interessantes ou o máximo. E 5.7% aderiu porque queria saber mais sobre a humanidade. E outros 5.7% aderiu por causa dos conselhos sobre práticas sexuais.

Facto curiosos a notar é 5.7% dos alunos não aderiu as palestras por não saber a sua importância, enquanto outros defendem ter aderido porque eram dadas na escola em tempos livres ou intervalo maior, ou porque foi passada a informação na sala sobre o assunto.

Dos que tiveram primeiro contacto como programa no Hospital foi por terem contraído um DTS e terem sido aconselhados pelo pessoal médico a procurar os serviços do programa Geração Biz. Temos igualmente jovens que entraram por causa da necessidade de se sentirem actualizados e ainda por espírito de pesquisa.

A aderência enquanto tal pode ser explicada por diversos motivos, sendo um deles o fraco espírito de associativismo entre os jovens, para além de que muitas organizações do ramo juvenil não têm acções no terreno. O que nos prova isso é o facto de 51.12% dos entrevistados nunca ter assistiu a palestras ou programas de aconselhamento ministradas por outros organismos ou associações, apesar de haver muitas organizações juvenis na cidade, empenhadas em dar educação aos jovens em diferentes domínios.

Aproximadamente 20% dos entrevistados assistiram a palestras dadas por outras organizações, mas não são membros delas, do mesmo modo que não o são do programa geração Biz. Apenas 2.3% dos entrevistados pertencem a outras organizações e assistiram a suas palestras.

O que lidera a maioria (59.80%) dos alunos a aderir aos programas do programa Geração Biz é o ensino sobre relacionamentos (namoros) e o facto de as conversas sobre sexualidade em casa não serem todos os dias, ajudando assim a tirar dúvidas. Outro factor atractivo é a prevenção e protecção contra doenças, especialmente o HIV/SIDA. Outros motivos invocados são a diversão, a abertura com que se debatem os assuntos e de proporcionarem um melhor aconselhamento e aberto.

Mas 39.50% não consegue identificar algo que seja inovador nas palestras e nos aconselhamentos devido à repetição dos temas, ou porque tinham ouvido dos mais velhos em casa. E 38.40% vê a prevenção das DTS, SIDA, fidelidade, protecção e noções sobre comportamento na adolescência como sendo o que se transmite de novo neste programa.

Outros motivos que atraem os alunos são explicações de sonhos eróticos, idade de começo de relações sexuais e seu impacto, desenvolvimento dos corpos, algo que os pais não transmitem.

A presença dos alunos nos aconselhamentos do programa não deve ser entendida necessariamente como a falta de conhecimento dos alunos na matéria de sexualidade, porque 69.80% dos entrevistados ainda se lembra e pratica os aconselhamentos recebidos de casa, a quando dos primeiros sinais de maturidade sexual. Apenas 5.8% se esqueceu dos primeiros aconselhamentos, 4.7% pôs em mente, não esqueceu e ou não os praticou, e apenas uma pessoa que não começou a praticar por ainda não ter começado a vida sexual activa.

Por exemplo, 26 (61.9%) rapazes dos 42 entrevistados, se recordam dos primeiros aconselhamentos sobre sexualidade e os puseram em prática, contra apenas 4 que se esqueceram. E 36 (81.8%) raparigas entrevistadas, lembram-se e praticaram os primeiros aconselhamentos sobre a sexualidade, contra uma apenas que se esqueceu.

Do outro lado, ao nível da escola o programa se mostra abrangente e preferido por muitos alunos porque consegue responder a todas dúvidas sem tabus e preconceitos e a tempo útil, o que cria a crença nos alunos que os activistas sejam mais informados sobre sexualidade que os seus pais.

No que se pode constatar, as raparigas prestam maior atenção aos aconselhamentos sobre sexualidade, em relação aos rapazes, pela quantidade dos que se esqueceram dos primeiros aconselhamentos em ambos sexos.

Apesar da afluência, há alguns que ainda preferem aconselhamento de casa e dos amigos, por motivos religiosos, por afinidade, disponibilidade e ajuda contínua, porque os pais e os amigos estão sempre presentes. Este grupo corresponde a 33.7% dos entrevistados.

Como se pode constatar, o propalado vazio na socialização sexual dos jovens causado pela perda de controlo dos pais sobre os seus filhos é questionável, uma vez que os pais acompanham o crescimento e desenvolvimento fisionómico dos seus filhos e dependentes. E do outro lado, os jovens usam dos conhecimentos transmitidos pelos seus parentes.

Outro aspecto a ser questionado é a suposta diferença de valores sócio-culturais entre os mais velhos e os jovens, que conduz à conclusão de que os jovens não dão atenção à instrução dos mais velhos por essas instruções não responderem as necessidades dos jovens. Uma vez que a maioria dos conselhos dada pelos mais velhos se assemelha aos ministrados pelo programa, e versam quase sobre as mesmas preocupações: *gravidez precoce, saúde sexual e reprodutiva, prevenção das DTS e SIDA*.

Assim, verifica-se que os pais são encarados como sujeitos estáticos e presos no tempo, resistentes a mudança e por causa disso, um perigo para uma juventude que se deseje saudável e livre do HIV/SIDA.

O que tem de vantajoso, é que o programa Geração Biz consegue satisfazer as dúvidas dos jovens a tempo, comparativamente aos pais, que esperam por momentos socialmente concebidos. Do outro lado, o programa geração Biz transmite as mensagens com abertura e sem conotações negativas, características dos tabus sobre a sexualidade. Mas como observa Lejeune⁸⁹, não altera os valores sobre os sexos e os papeis, nem muito menos o teor do relacionamento entre homens e mulheres. Os tabus mais fortes continuam intocáveis.

4.3. PERCEÇÃO OFICIAL SOBRE A SOCIALIZAÇÃO SEXUAL DA JUVENTUDE NA CIDADE DE MAPUTO.

Segundo Marcelo⁹⁰, a maior parte dos programas de socialização sexual veiculada por Organizações Não Governamentais assenta em mensagens difundidas através dos meios de comunicação. Mas tais mensagens são encaradas como mais publicitárias e com o objectivo

⁸⁹ LEJEUNE, Claude, (1982), *A Educação Sexual na Escola*, Estampa, Lisboa, pp

⁹⁰ Chefe do Departamento dos assuntos da Juventude da AMODEFA

de difundir a imagem do doador do que realmente influenciou na mudança da conduta dos jovens.

De um lado o entrevistado defende a necessidade de consulta do grupo – alvo, antes da produção das mensagens, para garantir a percepção e do outro lado que o grupo se identifique com a mensagem; o que não acontece com a maior parte das mensagens veiculadas.

E para fazer fé à situação de mensagens de educação e socialização dos jovens que não atingem os objectivos propostos, Marcelo propõe a criação de um organismo nacional que vele pela produção das mensagens para além dos temas a serem tratados nos programas de socialização sexual, tanto nos manuais escolares como em programas de ONGs.

No contexto escolar, Marcelo defende a necessidade de a sexualidade ser tratada desde tenra idade, na vertente dos cuidados sanitários sobre os órgãos reprodutivos, da mesma forma que se trata da higiene oral, entre outros assuntos. Ele verifica que os temas presentes em manuais de Biologia em algumas classes apresentam e ensinam apenas a vertente de maturação biológica do organismo humano, deixando de lado a vertente física e social do processo de maturação.

Do outro lado, os mentores do programa Geração Biz vêem os professores como preparados apenas para leccionar matérias sobre maturação biológica do corpo humano (entendida como o amadurecimento dos órgãos, principalmente genitais) e não maturação física (entendida como o aumento da altura e outras modificações no tamanho do corpo humano) e social. Isso faz deles desqualificados para responder às dúvidas dos alunos. Por causa disso, o Programa Geração Biz teve que formar activistas professores, para além de introduzir este treinamento num dos Centros de Formação de Professores na Província de Maputo.

Quanto ao meio familiar os mentores do programa Geração Biz vêem uma lacuna na socialização sexual dos jovens. Segundo eles, os parentes e os progenitores não estão ao nível de assumir o seu papel na socialização sexual dos jovens. Tudo porque estão ocupados com questões de sobrevivência, o que lhes tira tempo de conversa com seus filhos ou dependentes.

Outra tese defendida pelos mentores do programa Geração Biz assenta no pressuposto de que a socialização sexual da família é feita por mitos e coberta por tabus e preconceitos sobre a sexualidade; e os tabus obscurecem o conhecimento, por falta de um tratamento aberto dos fenómenos. Por exemplo, como verifica Marcelo, *“uma menina que começa a sair os seios ou atinge a primeira menstruação, os pais lhe dizem que estás grande e não deves brincar com os rapazes, mas nunca se diz porquê”*. E ou ainda, *se brincares com os rapazes vais sangrar*.

Por causa deste tipo de ensinamentos ou mensagens, a menina não será capaz de expor suas dúvidas sobre sexualidade aos seus parentes, optando pelos amigos, que nem sempre estão preparados para responder positivamente ao desafio. Assim, esta falta de abertura no tratamento da sexualidade provoca uma lacuna na socialização dos jovens, pois fica de fora a vertente sexual.

Na tese de Junod, nos Bantu do sul do rio Save, quando uma menina estivesse para atingir a primeira menstruação devia procurar uma madrinha noutra aldeia, ou uma tia ou avó que lhe instruiria sobre os procedimentos a seguir. Quanto aos rapazes, tudo era ensinado nos ritos de iniciação e nos grupos de amigos. Isso gerava aquilo a que chamamos de delegação de papeis.

Para os mentores do Programa Geração Biz, com o surgimento e desenvolvimento das cidades, o papel de socialização sexual dos jovens foi delegado aos padrinhos, que enfrentam de um lado a dificuldade de não estarem preparados para responder aos desafios dos jovens (pois cresceram e foram socializados no contexto dos tabus); e do outro lado a

dificuldade de como conciliar as suas responsabilidades de casa e as de padrinho. Isso gera conflito, na medida em que os filhos precisam da atenção dos pais, que se podem mostrar mais dedicados aos afilhados.

Desta forma, tanto os pais quanto os padrinhos se mostram incapazes de assumir de forma real os seus papéis na socialização sexual dos jovens. Frente a isso, na sua segunda fase o programa introduziu-se a vertente “*out of school*” que tem como alvo formar pais e encarregados de educação para serem activistas nos bairros. O objectivo é trabalhar de pai para pai e de jovem para jovem.

Assim, a família é encarada como desprovida de conhecimentos para responder aos novos desafios da juventude, razão pela qual os pais só podem participar no programa na condição de serem formados como activistas (dotados de conhecimentos). Também a família é vista como um obstáculo para a dinâmica do programa, uma vez que esta se mostra resistente às mudanças por causa dos mitos e tabus sobre a sexualidade.

Para o Programa Geração Biz, muitas vezes o nível de formação académica dos pais não tem favorecido, ou seja, não tem funcionado como um vector favorável para a eliminação dos tabus, nem mesmo as convicções religiosas, nem os meios (urbano e suburbano centro e periferia). E no geral, quando os jovens são dotados de conhecimento sobre sexualidade, a família encara isso como incentivo a um comportamento promíscuo.

Mas o alvo do Programa Geração Biz é dotar aos jovens de instrumentos de auto-defesa e de auto-determinação frente aos diferentes perigos e desafios que a sociedade contemporânea oferece. Assim, o programa Geração Biz pretende preparar cidadãos presentes e futuras cientes dos seus desafios e responsáveis pelas suas escolhas.

5. METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho foi usado como instrumento para a recolha de dados as entrevistas semi-directivas, porque segundo Ruquoy⁹¹ este instrumento permite por um lado que o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno do objecto perspectivado. Por outro lado, a definição do objecto de estudo elimina do campo de interesse diversas considerações para as quais o entrevistado se deixa naturalmente arrastar, ao sabor do pensamento, e exige um aprofundamento de pontos que ele próprio não teria explicitado.

Deste modo, se segundo Geertz fazer etnografia é estabelecer relações, seleccionar informantes, transcrever textos,... é uma descrição densa e Roquoy verifica que para compreender as práticas sociais importa delimitar o modo como os actores as organizam

subjectivamente e as valorizam, as entrevistas semi-directivas permitem fazer uma descrição das práticas resultante da organização e valorização subjectiva dos próprios actores sociais.

O trabalho foi realizado em três fases, sendo a primeira a de revisão da literatura disponível sobre o assunto nas bibliotecas da UEM, assim como entrevistas a entidades responsáveis das instituições ligadas ao programa Geração Biz.

A segunda fase foi a de trabalho no terreno que compreendeu conversas com os alunos da do 1º ano do curso de Contabilidade, curso diurno, na Escola Comercial de Maputo, e activistas da componente *in School*, do programa geração Biz.

Trabalhou-se com 86 alunos de 3 (três) turmas numa única escola, de modo a garantir uma verdadeira descrição do programa, como exige o modelo teórico usado. E os entrevistados têm idades que variam entre os 14 e os 22 anos, na sua maioria sexualmente activos e todos

alvos do programa. Dos entrevistados 42 são rapazes e 44 são raparigas. A maioria (77.91%), encontra-se na faixa etária dos 16 a 18 anos, o segundo grupo maioritário (18.6%) na faixa entre 14 a 15 anos, alguns dos quais até à data da entrevista não tinham começado a sua vida sexual. Também trabalhou-se com responsável do programa a nível da AMODEFA, instituição responsável e implementadora do programa .

As entrevistas foram feitas por turmas, como forma de garantir cobrir maior número possível em pouco tempo, na época pós-avaliações finais e vésperas de divulgação das pautas anuais, no período de manhã. De notar que não foi possível conversar com os activistas afectos àquela Escola porque o Gabinete de Aconselhamento da escola se encontrava sempre fechado.

A terceira fase foi a de análise e interpretação dos dados colhidos no terreno (Escola Comercial de Maputo) e a elaboração de um relatório deste projecto de pesquisa.

O local (cidade de Maputo) foi escolhido por ser onde se concentra a quase totalidade das escolas-modelo do programa, com facilidade de deslocação e a custos relativamente baixos.

Por outro lado, houve a necessidade de estar perto da maior parte do material didáctico, da supervisão, para além de ser o centro da elaboração das decisões em torno do programa em análise.

6. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES DO ESTUDO

Sendo socialização um processo que tem como alvo levar os novos membros de uma colectividade a adquirirem valores reguladores da vida desta mesma colectividade; ou ainda conseguir que os membros de uma sociedade aprendem os seus modelos, os assimilam e os adoptam como regras vivas de vida pessoais, vemos que ela é a chave da convivência entre os homens tanto de gerações diferentes quanto da mesma geração.

⁹¹ RUQUOY, op.cit.pp187.

Segundo os teóricos da socialização, existem diferentes níveis de socialização e levados a cabo por diferentes agentes de socialização. Assim, a família é vista como o agente de socialização primária, para além de ser o centro da produção e da reprodução dos sujeitos sociais.

Para além da família temos o Estado através dos sistemas de Educação, Saúde pública, os média e actualmente as ONGs que participam no processo. O programa Geração BIZ é um programa de socialização sexual dos jovens, financiado e implementado por ONGs sob coordenação do Estado.

Este programa é desenhado sob carga e influência ocidental (origem dos doadores e mentores do projecto) e destina-se a dotar o jovem moçambicano de um conjunto de valores de modo a responder aos desafios e perigos do novo contexto dominado pelo HIV. É um programa de saúde sexual e reprodutiva.

Parte do pressuposto de que a família é incapaz de dar respostas seguras ao jovem, às suas dúvidas, o que cria um vazio na sua socialização sexual. Assim, o programa Geração Biz, na óptica dos seus mentores, serve para cobrir este vazio criado pela incapacidade da família em responder eficazmente aos problemas actuais sobre socialização sexual do Jovem.

Sendo a família incapaz de responder aos anseios dos jovens actuais, ela é vista como agente que obstrui a dinâmica do programa pela sua resistência à mudança. Dai que o único

meio de ela participa na socialização sexual dos seus filhos é ser formada e ser dotada de conhecimentos sobre a matéria (formação de pais activistas).

E uma análise profunda do tipo de mensagens veiculadas pelas famílias e pelo geração biz, podemos notar algumas semelhança no nível de preocupação em relação às DTS e gravidez indesejada. A principal diferença entre o que se veicula no Programa Geração Biz e na família, é que o Programa Geração Biz incentiva a negociação sobre sexo, o valor atribuído a um acto sexual, matéria de gênero, a noção do adolescente e o seu comportamento, e a abertura e participação com que tudo é levado a cabo.

Michel Foucault citado por Bonato, considera que a questão da sexualidade é uma questão de poder. E uma vez que cada agente de socialização está determinado a produzir sujeitos sociais segundo a sua ideologia dominante, o Programa Geração Biz considera e inculca nos jovens a idéia de incapacidade dos pais em responder aos seus anseios.

Mas o que pode justificar a propalada ausência dos pais na socialização, como vimos pode ser por um lado devido às diferenças de percepção sobre a sexualidade e conseqüentemente do tipo informação a veicular para as novas gerações e por outro lado, do tempo que esta informação deve ser veiculada.

Também há que considerar a constatação de Netting e Arnould⁹² segundo a qual se visualizarmos os grupos de actividade dentro da sociedade como grupos de esferas de actividades, vemos que estas esferas sobrepõem-se consideravelmente. O grupo que partilha o tecto, o grupo que partilha a preparação e consumo de alimentos e o grupo que socializa as crianças sobrepõem-se completamente. São o mesmo e único. E definir a família num contexto social não requer que cada família tenha a mesma sobreposição de esferas de actividade.

E do outro lado, a observação de Rocher a conduta do pai e da mãe não são as mesmas, os privilégios e as obrigações de cada criança variam, os papeis ligados ao sexo são diferentes.

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

Por exemplo, na família alemã o papel do pai comporta um controlo disciplinar mais directo sobre os filhos, assim como uma manifestação de afecto para com eles maior que na família americana, ... onde é suposto que o pai tenha relações de interacções mais activas com o filho e que a mãe tenha relações de interacção mais activas com a filha.⁹³

Assim segundo Rocher⁹⁴, papel é o conjunto de maneiras de agir que, numa sociedade, é suposto caracterizar a conduta das pessoas no exercício de determinada função. Daqui pode-se constatar que o pessoal do programa Geração Biz tem certas expectativas de como os pais deveriam agir no exercício da sua paternidade frente ao HIV, SIDA e DTS, que pode não coincidir com aquilo que a sociedade veiculou aos pais sobre o exercício das suas funções de paternidade.

E segundo Mitchel, há um comportamento esperado de um sujeito, associado à posição que este desempenha. Assim, outros actores sociais esperam determinado comportamento da família no contexto do HIV/SIDA, no processo de socialização sexual dos jovens. A não adopção deste comportamento pode conduzir ao que se chama ausência dos pais na socialização sexual dos jovens.

⁹² NETTING, Robert McC & Arnould Eric J. , op cit pp5.

⁹³ ROCHER, op cit pp45.

⁹⁴ ROCHER, op cit pp46.

7. BIBLIOGRAFIA

ALBARLLO, Luc et all, (1997), Práticas E Métodos De Investigação Em Ciências Sociais, Grádiva, Portugal.

AMARAL, Wanda De (1990), Guia De Apresentação De Teses, Dissertações E Projectos De Pesquisa, 2ª Edição, UEM, Maputo.

BERNARDI, Bernardo, (1997), Introdução Aos Estudos Etno-Antropológicos, Edições 70, Lisboa.

BONATO, Nailda Da Costa Martinho, (1996), Educação [Sexual] E Sexualidade: O Velado E O Aparente, UERJ, Rio De Janeiro.

BOTTOMORE, T.B., (1987), Introdução À Sociologia, 9ª Edição, Guanabara, Rio De Janeiro.

COPANS, Jean, (1981), Críticas E Políticas Da Antropologia, Edições 70, Lisboa.

ECO, Umberto, (1995), Como Se Faz Uma Tese Em Ciências Humanas, 6ª Edição, Presença, Lisboa.

FELICIANO, José Fialho, (1998), Antropologia Económica do Tsonga do Sul de Moçambique, Estudos 12, Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo.

GEERTZ, Cliford, (1989), Interpretação Das Culturas, Guanabara, Rio De Janeiro.

GUERREIRO, Manuel Veigas, (Novembro De 1997), Povo, Povos E Cultura: Portugal-Angola-Moçambique, Colibri, Lisboa.

HANSWORTH, Gwyn, (Outubro de 2002), Providing Health and STI/HIV Information and Services to This Generation: Insights From the Geração Biz Experience, AMODEFA, Maputo.

LEJEUNE, Claude, (1982), A Educação Sexual Na Escola, Estampa, Lisboa.

L COX, James, (1998), Rites of Passage in Contemporary Africa, Cardiff Academic Press, Great Britain.

LÉVI-STRAUSS, Claude, (1996), Antropologia Estrutural, 5ª Edição, Tempo Brasileiro, Rio De Janeiro.

LIMA, Augusto Mesquitela (Coord.), (1992), Introdução À Sociologia, 3ª Edição, Presença, Lisboa.

LIMA, Augusto Mesquitela Et All (1991), Introdução À Antropologia Cultural, 9ª Edição, Presença, Lisboa.

LOFORTE, Ana Maria, (1998), Relações De Género Em Moçambique: Educação, Trabalho E Saúde, DAA-UEM, Maputo.

_____ (2000), Género E Poder Entre Os Tsongas De Moçambique, Promédia, Maputo.

MALINOWSKI, B., (1975), Uma Teoria Científica De Cultura, Zahar, Rio De Janeiro.

MARTIN, Ireneu, (1992), Família, Trabalho, Política: A Experiência Do Ocidente, IBRAS E Champagnat, São Paulo E Curitiba.

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

MEAD, Margaret, (1948), O Homem E A Mulher, Meridiano, Lisboa.

_____ (1998), Sexo E Temperamento, 3ª Edição, Perspectiva, São Paulo.

MITCHELL, G. Duncan (Coord.) Novo Dicionário De Sociologia, Rés, Porto.

NETTING, Robert McC., WILK, Richard R. & ARNOULD, Eric J. (), Household: Comparative and Historical Studies of Domestic Group.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO), (1978), Manual De Pesquisa Social Nas Zonas Urbanas, Livraria Pioneira, São Paulo.

QUIVY, Raymond, (1990), Manual De Investigação Em Ciências Sociais, Grádiva,

ROCHER, Guy, (Fevereiro De 1999), Sociologia Geral: A Organização Social, 5ª Edição, Editorial Presença, Lisboa.

_____ (1989), Sociologia Geral: Acção Social, Volume I, 6ª Edição, Editorial Presença, Lisboa.

SANTOS, José Luiz Dos (1994), O Que É Cultura, 14ª Edição, Brasiliense, São Paulo.

SARACENO, Chiara, (1997), Sociologia Da Família, 2ª Edição, Estampa, Lisboa.

SARAIVA, António José, (1993) O Que É Cultura, Difusão Cultural, Lisboa-Portugal.

SHAPYRO, Harry, (Dezembro De 1982), Homem, Sociedade E Cultura, 3ª Edição, Martins Fontes, São Paulo.

O Papel da Família na Socialização Sexual dos Jovens na Cidade de Maputo: O Caso do Programa Geração Biz (1999 – 2002)

SPECTOR, Nelson, (1997), Manual Para A Redacção De Teses, Dissertações E Projectos De Pesquisa, Guanabara Kogan, Rio De Janeiro.

SILVA, Benedicto (Coord.), (1986), Dicionário De Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio De Janeiro.

WEREBE, Maria José, (1977), Educação Sexual Na Escola: Psicologia E Pedagogia, Moraes, Lisboa.